O ORIENTE PORTUGUEZ

REVISTA DA COMMISSÃO ARCHEOLOGICA

[illegible]

INDIA PORTUGUEZA

[illegible]

Volume I — 1904

N.º [illegible] — Janeiro

NOVA GOA

IMPRENSA NACIONAL

[illegible]

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Dr. Alberto Osorio de Castro.
Capitão José Augusto Alves Roçadas.
J. A. Ismael Gracias.

SUMMARIO

Do 1.º numero

I INTRODUCÇÃO.

II DOCUMENTOS RELATIVOS A FUNDAÇÃO DOS MUSEUS ARCHEOLOGICOS E A CREAÇÃO DA COMMISSÃO PERMANENTE DE ARCHEOLOGIA:

a) PORTARIA de 9-6-94, *Boletim* n.º 63.
b) PORTARIA de 15-7-95, *Boletim* n.º 76.
c) PORTARIA de 22-5-96, *Boletim* n.º 57.
d) PORTARIA de 18-4-903, com a portaria do governador de Diu, annexa, *Boletim* n.º 31.
e) PORTARIA de 25-5-903, *Boletim* n.º 41.
f) PORTARIA de 11-8-903, *Boletim* n.º 63.

III OFFICIO SOBRE A PEÇA DE BANASTARIM.

IV NOTULAS DE HISTORIA E DE ETHNOGRAPHIA pelo dr. *A. Osorio de Castro.*

V A MISERICORDIA DE DIU pelo 1.º tenente d'armada *Herculano de Moura.*

VI PORTUGAL PERANTE O MUNDO MODERNO pelo capitão *Roçadas.*

VII VERITAS SUPER OMNIA por *Ismael Gracias.*

VIII GALERIA LAPIDAR NO MUSEU REAL DA INDIA PORTUGUEZA por *J. M. do Carmo Nazareth.*

INTRODUCÇÃO

Por escolha motivada pela falta de tempo com que lutavam outros com merecimentos, que não tenho, e com nomes mais apropriados a tal fim, cabe-me a honra de apresentar ao publico o primeiro numero do ORIENTE PORTUGUEZ, *Revista da Commissão Archeologica da India Portugueza*.

Estas duas designações, reunidas que sejam, indicam o fim, a intenção, a natureza e o caracter da *Revista*.

Revista de uma commissão de archeologia, deverá esta publicação ser caracterisada pela apresentação de estudos e trabalhos sobre o *passado* portuguez no Oriente: — as fortalezas, com tudo o que de heroico a ellas anda ligado; as extensas linhas de muralhas, correndo em ruinas por essa costa do oceano indico, revelando o esforço e a tenacidade da raça; os templos, as egrejas, as ermidas, «tão caracterisadamente

portuguezas»; essa Goa desapparecida, mas tão viva no coração de todos nós; as crenças, as superstições, os odios dos antigos portuguezes; os seus habitos e costumes; a transformação successiva dos seus ideaes; a conservação, atravez d'essa transformação, do seu modo de ser colonisador, unico em toda a historia colonial moderna, transportando para longes terras a patria distante, impondo as suas leis, a sua lingua, as suas crenças, as suas habitações, o vestuario, a alimentação, as mais pequenas particularidades do seu viver, com uma pertinacia e uma difficuldade de se amoldar a habitos differentes dos seus, tão caracterisados hoje como nos primeiros tempos de descoberta e conquista, como nos tempos da persiguição religiosa, n'uma luta constante com raças que tão differentes são da sua, n'um combate de todos os momentos pelo predominio da sua civilisação, do seu modo de ser individual e social; tudo isto, juntamente com a historia dos povos que conquistamos, da sua transformação ao contacto das ideias e costumes que lhes trouxemos, da sua vida de familia e da sua vida publica, das suas associações, da sua legislagão, do seu culto, tão differente hoje do que foi; tudo isto, e muito mais, deverá apparecer na *Revista* pela escripta, pela gravura, pela photographia, se ella tiver, como é de esperar, a sorte caracteristica de todos os emprehendimentos portuguezes: — a *duração*; porque o certo é que, bem ou mal, com mais ou menos brilho, com maior ou menor fortuna, com altos e baixos, como tudo n'este mundo, nós e as nossas colonias cá vamos *durando*, que pése a muitos, com

alguns achaques, mas *rijos* e *feros* como velhos portuguezes . . .

E' vasto, como se vê, o campo para colher impressões, tomar ligeiros apontamentos ou fazer profundos estudos ; e a *Revista* tem as suas paginas á disposição de todos aquelles que se sentem attrahidos por esse passado, tão intensivo, tão revelador das qualidades superiores de uma raça energica, tenaz, tão grandiosamente apaixonada e violenta, que o seu estudo tem o perigo de nos deixar para ahi espantados e succumbidos com a admiração do que foi e com a comparação do que é, desanimados e tristes, sem muitas vezes nos lembrarmos de que só as formas e gestos que deixaram de ser da nossa epocha, são capazes de nos produzir commoções fortes, e que, com outras formas e outros gestos, mais lentamente talvez, continuamos ainda a seguir o caminho, por onde entraram na historia os portuguezes do seculo XV.

A todos pede a *Revista* a sua collaboração, e de todas a espera.— Dos filhos de Goa, dos que aqui residem e dos que, com o espirito aventureiro que, em toda a India, só se encontra nas regiões onde os portuguezes pousaram, foram procurar fortuna no vasto imperio indiano e nas colonias portuguezas e estrangeiras da Africa Oriental e do extremo Oriente ; porque ninguem melhor do que elles pode documentar e analysar as *cousas* de sua terra sempre querida, o que ellas deixaram de ser, o que conservam ainda da sua primitiva forma.

Dos que descendem dos portugueses que aqui se fixaram ; porque ao que estudarem e escreverem.

muitas vezes se ligarão os nomes dos seus antepassados.

Dos europeus; porque não é necessario estar muitos annos em Goa para tudo os attrahir e prender, os abrigar a pensar, a meditar, a visionar: — payzagem e monumentos; vida actual e vida de outros tempos; tudo lhes representa com nitidez e realce os quadros lidos na mocidade nos velhos chronistas; tudo lhes explica muitas cousas então incomprehendidas.

Com este auxilio, guiado e aproveitado por tres homens de boa vontade, apaixonados pela obra em que se metteram, que passem alguns annos sobre a *Revista*, e então o seu primeiro titulo, O ORIENTE PORTUGUEZ, estará justificado. — D'esses numeros reunidos, do conjuncto dos artigos n'elles publicados, deverá resultar, para quem os ler com criterio e amor, a visão de muitos aspectos da historia dos portuguezes no Oriente, tão pouco conhecida, e ainda á espera do homem de genio que a fixe n'uma obra monumental.

Goa, 17 de dezembro de 1903.

J. Norton de Mattos.

Documentos relativos á fundação dos Museus archeologicos e á creação da commissão permanente de archeologia

Portarias

N.º 331 — Sendo pratica das nações cultas conservar com desvelo tudo quanto sirva para evocar as boas memorias do passado, preservando da acção do tempo os objectos que lembrem as antigas glorias e sejam apreciaveis subsidios para o estudo da historia, religião e costumes da época que representam; e por isso, havendo reconhecida utilidade em colligir em um nucleo os que existem e se acham dispersos n'este Estado, notavel por brilhantes e memoraveis tradições:

Hei por conveniente nomear uma commissão composta do secretario de fazenda, José Navarro de Paiva Pereira d'Andrade, — do director das obras publicas, coronel José Frederico d'Assa Castel Branco, — do administrador do concelho das Ilhas, capitão Manoel d'Oliveira Gomes da Costa, — do bibliothecario da bibliotheca publica, José Antonio Ismael Gracias — e do 2.º escripturario da repartição de fazenda provincial, José Maria do Carmo Nazareth, servindo o primeiro de presidente e o ultimo de secretario, para, no mais breve praso, apresentar o plano da fundação d'um museu archeologico n'esta capital, elaborando as instrucções adequadas e indicando o local mais apropriado áquelle fim.

As autoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo geral, 9 de junho de 1894. — O governador geral, *Raphael d'Andrade*.

N.º 491 — Sendo sempre nobre e a tempo desmentir as accusações que nos fazem estrangeiros do desleixo e indifferença inintelligente com que deixamos desapparecer a uma e uma todas as reliquias do nosso grande passado historico, todos os padrões e monumentos que a alma da Nacionalidade levantou pelo mundo na sua exaltação heroica da Renascença;

Attendendo a que é uma verdadeira iniquidade portugueza, senão um symptoma do mais condemnavel obscurecimento da consciencia collectiva, o estado a que se têm deixado chegar os restos da grande capital d'Albuquerque, da opulenta metropole que ainda na sua decadencia deslumbrava os estrangeiros Francisco Pyrard, Pietro della Valle, e Tavernier, da segunda Lisboa, centro e emporio do commercio do mundo oriental, timbre e gloria do Portugal colonisador e guerreiro;

Não estando ainda feito o estudo definitivo e integral da nossa conquista da costa das Indias, a historia da sociedade portugueza no oriente, tornando-se por isso preciso encontrar e conservar respeitosamente tudo o que revelar um dia do passado, um momento da vida dos grandes Avós, e sendo altamente proficuo que, lançando-se mão dos homens de boa vontade, continue por todas as formas e em todos os sentidos a obra documentaria de Rivara;

Havendo ainda occasião de acudir ao arrasamento vandalico do que resta da velha Goa, conservar intransigentemente as ruinas e os escombros, estudar palmo a palmo a area da cidade morta, reunir monographias e *ensaios* de toda a ordem para a obra de resurreição historica a fazer;

E tendo o illustre archeologo dr. Francisco Martins Sarmento, o sabio a quem com Carlos Ribeiro mais fica devendo a palethnologia portugueza, offerecido por intermedio do socio correspondente da sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, o bacharel Alberto Osorio de Castro, algumas quantias para as primeiras excavações que seja util fazer:

Hei por bem nomear uma commissão permanente de investigações archeologicas no territorio de Goa, composta de José Navarro de Paiva Pereira d'Andrade, secretario de Fazenda (Presidente), bacharel Alberto Osorio de Castro, ajudante do Procurador da Corôa e Fazenda, Manoel d'Oliveira Gomes da Costa, capitão do exercito de Portugal, administrador do concelho das Ilhas de Goa, bacharel Jayme Pinto, delegado do Procurador da Corôa

e Fazenda na comarca das Ilhas de Goa, José Antonio Ismael Gracias, primeiro official da Secretaria do Governo e director da Bibliotheca Nacional, José Maria do Carmo Nazareth, 2.º escripturario da Repartição da Fazenda provincial, numismata, — ficando-lhe recommendado muito especialmente que inicie a sua tarefa na area da velha cidade de Goa, cumprindo-lhe apresentar relatorios annuaes que serão publicados no *Boletim Official*, propor ao Governo os meios de salvaguardar o que ainda hoje existir do viver do passado, escolher o que se tenha de guardar no museu archeologico creado pela portaria n.º 331 de 9 de junho de 1894, classificar e catalogar todos os monumentos que se devam considerar nacionaes, e fiscalisar a mais religiosa conservação d'elles.

Todas as autoridades d'este Estado ficam abrigadas a prestar o maior concurso e auxilio á commissão nomeada.

As autoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo geral, 15 de julho de 1895.— O governador geral, *Visconde da Villa Nova d'Ourem.*

N.º 460 — Havendo as portarias provinciaes n.ºs 331, de 9 de junho de 1894, e 491, de 15 de julho de 1895, lançado as primeiras bases para o estabelecimento d'um museu archeologico e historico em Goa, e consagrado officialmente a necessidade de se salvaguardar e procurar tudo o que evocasse n'esta India do grande Affonso d'Albuquerque, — na phrase do escriptor eminente, Oliveira Martins, — «*a historia magnifica da nossa aventura ultramarina*»;

Parecendo-me que no meio das ruinas da primeira metropole europea e catholica do Oriente seria mais suggestiva a reunião de todos os monumentos e testemunhos asiaticos do Portugal imperialista e epico;

Hei por conveniente designar o palacio de S. Caetano, em Velha Goa, para accommodação do *Museu Real da India Portugueza*, devendo ser collocada nos corredores do mesmo palacio a monumental galeria de retratos dos visoreis e governadores, meus antecessores, semivivo symbolo de quatrocentos annos de dominio portuguez no territorio oriental onde se desenrolou a scena mais original,

mais dramatica e immorredoura de gloria da historia do meu paiz; e outrosim, ao lado de exemplares ethnographicos, iconographicos, epigraphicos, glyptographicos, numismaticos, de ceramicas, de utensilios, de alfaias, dos restos dos templos, e das pedras sepulcraes de marinheiros e combatentes dos mares da Arabia, das Indias, da China e das Molucas, fiquem os destroços archeologicos da India mussulmana e da India hindú, devendo inaugurar-se tambem uma secção de pre-historia goana, collecções de armas das épocas da pedra lascada e da pedra polida, e dos primeiros metaes empregados, todo um trabalho original a fazer e a juntar.

Deverão fazer permanentemente parte da direcção do Museu os seguintes funccionarios: presidente da relação, secretario geral do governo, procurador da corôa e fazenda (o seu ajudante na sua falta), secretario da fazenda provincial (o sub-inspector da fazenda na sua falta), e commissario geral do abkari e alfandegas, servindo de secretario o bibliothecario-director da bibliotheca publica de Nova Goa, e na falta ou impedimento d'este o 2.º conservador da mesma bibliotheca.

A verba annual de duzentas e cincoenta rupias fica consignada para a sustentação do Museu Real da India Portugueza.

As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução d'este competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio em Nova Goa, 22 de maio de 1896. — O viso-rei, *D. Affonso Henriques, Duque do Porto.*

N.º 93 — Tendo o governador do districto de Diu tomado, em portaria de 2 de dezembro ultimo, providencias no intuito de provêr á guarda e conservação dos padrões archeologicos e historicos ali existentes;

Considerando que ao governo se impõe o indeclinavel dever de preservar da acção do tempo os monumentos do nosso glorioso passado no oriente, tendo-se, porisso, instituido já em portaria do Sr. viso-rei, de 22 de maio de 1896, um *Museu Real da India Portugueza*, com uma commissão directora permanente;

Considerando que, d'entre os territorios de que se compõe esta provincia, é em Diu onde mais existem monumentos antigos;

Hei por conveniente determinar o seguinte:

1.° E' approvada a portaria do governo do districto de Diu, n.° 43, de 2 de dezembro de 1902, a qual será publicada em seguida á presente portaria.

2.° Nos contractos de venda dos predios nacionaes rusticos ou urbanos, será incluida a clausula de que quaesquer monumentos padrões, lapides, brazões e outros objectos d'esta natureza, n'elles existentes, serão do exclusivo dominio do Estado.

As autoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo geral, em Nova Goa, 18 de abril de 1903. — O governador geral, *Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo.*

Portaria do governo do districto de Diu, n.° 43, de 2 de dezembro de 1902, a que se refere a portaria supra

Tendo observado o abandono a que de longa data teem sido votadas as inscripções em pedra existentes em edificios que outr'ora pertenceram ao Estado, o que sobre representar incuria lastimavel pode revelar falsa noção de patriotismo que cumpre não deixar passar como verdade;

Sendo frequente encontrar lapides historicas servindo de amparos a taludes lateraes de caminhos recentemente construidos e tiradas dos escombros de antigos templos e baluartes que defendiam a Praça de Diu e seus postos militares ao longo das duas costas da Ilhas;

Encontrando-se ultimamente, em escavações a que se tem procedido na capital d'este districto, algumas lapides tumulares do seculo XVII que evocam recordações de tempos registados como dos mais gloriosos da nossa historia patria e a cuja conservação cumpre attender com o mais religioso acatamento, evitando que a pouco e pouco desappareçam por entre as pedras vendidas para edificações particulares dos gentios e para o fundeamento de redes dos *machins* que as preferem em virtude do seu maior peso e rija consistencia;

Devendo evitar-se a continuação da indifferença a que por tantos annos parece ter sido votada a conservação de

fontes tão apreciadas no mundo culto para a reconstituição do passado;

Sabendo-se que a historica Diu, pelas heroicidades aqui commettidas pelos antepassados portuguezes, é um repositorio brilhantissimo em que se evidenceia, á intensa luz de factos incontroversos todo o valor, toda a energia da antiga e viril raça portugueza; e por isso todos os objectos, todas as reliquias que a relembre constituem verdadeiras paginas d'essa biblia que todo o portuguez deve admirar e respeitar, evitando que a acção damninha do tempo ou ignorancia de homens as destruam;

Hei por conveniente determinar o seguinte:

1.° — E' nomeado uma commissão, com o caracter de permanente, á qual cumpre fazer reunir todas as lapides, brazões d'armas nacionaes e de particulares, columnas, estatuas, inscripções em pedra etc. que não estejam collocados nos seus primitivos logares, ou existam dispersos em casas particulares ou pagodes, templos gentios etc. e composta do dr. João Xavier d'Andrade, presidente da commissão municipal *(presidente)*, Albano Francisco Xavier de Sá, escrivão de fazenda e João Jeronymo Lobo de Quadros, sub-delegado do julgado municipal *(secretario)*.

2.° — Todos esses objectos, verdadeiros monumentos archeologicos, serão collocados e convenientemente conservados em uma das salas dos Paços de Municipio de Diu, que a actual vereação d'accordo com o governador destinar para esse util e patriotico fim.

3.° — Para essa sala serão transferidas as lapides e brazões d'armas existentes no deposito da secção d'obras publicas do districto e que se encontram dispersas pelas ruinas do *Castello* dos antigos templos e baluartes, facilitando o governo este serviço.

4.° — A commissão nomeada pedirá ao governo districtal todas as providencias de que careça para realizar os seus fins, incutindo nos habitantes do districto o estimulo para a realização da sua honrosa missão, por forma a obter em seu auxilio congregação dos esforços de todos e a boa vontade de particulares, que possuam em suas propriedades quaesquer reliquias do nosso gloriosissimo passado em Diu e a quem deve solicitar a sua cedencia para o pequeno museu archeologico, aonde piedosa e methodicamente serão conservadas.

5.° — Installada a commissão deve lavrar a competente

acta da sua primeira sessão em livro especial, cujo termo de abertura se fará na secretaria do governo districtal, e aonde ficarão transcriptas as actas das suas subsequentes reuniões.

6.º — Além do livro das actas possuirá a commisão outros que julgue precisos, nomeadamente um para o registo da sua correspondencia e outro em que se mencione a proveniencia de todos os objectos adquiridos pela commissão para o referido museu archeologico ou dos offerecidos pelo governo local e por particulares, e aonde fiquem consignados todos os dados historicos que se liguem a esses objectos e possam vir ao conhecimento da commissão, por forma a constituir um pequeno catalogo do museu. Estes livros serão fornecidos pelo governo districtal.

7.º — A responsabilidade do secretario da commissão ficará a guarda e conservação do museu e seus pertences.

As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo de Diu, 2 de dezembro de 1902.—O governador, *João Herculano Rodrigues de Moura.*

N.º 133 — Nas portarias n.ºs 331 de 9 de junho de 1894, 491 de 15 de julho de 1895 e 460 de 22 de maio de 1896, mostraram anteriores governos d'este Estado o interesse que lhes mereceu a conservação das reliquias de tudo o que podesse ainda hoje attestar a nacionaes e estrangeiros, a poderosa e radical influencia do dominio portuguez no Oriente e muito em especial no territorio de Goa, para o que crearam o museu archeologico de S. Caetano na velha cidade e nomearam commissões permanentes de investigação archeologica e de direcção do referido museu.

O mesmo interesse continua a dominar no animo d'este governo e ainda no da metropole, como se reconhece pela portaria provincial, n.º 93, do corrente anno, relativa a Diu, e pelo decreto de 31 de dezembro ultimo, que manda applicar ás reparações urgentes dos monumentos historicos de Goa, parte dos lucros liquidos da emissão de 300.000 rupias em prata, destinadas ao Estado da India.

Considerando que muito ha ainda a investigar, conservar e reconstruir;

Considerando que as reconstrucções a fazer são infelizmente tantas e de tal ordem que impossivel se torna, por demasiado onerosas, repôr por completo no antigo estado as monumentaes fortificações, os grandiosos edificios, as vetustas ruas de velha Goa, mas não reconstruil-as em parte ou pelo menos conserval-as no estado actual;

Considerando que é de toda a conveniencia patriotica

fazer um estudo integral, methodico e critico da nossa historia militar da India e da historia da sociedade portugueza no Oriente; fazer a descripção topographica da antiga metropole oriental e demais cidades e praças de guerra que nos pertencem e ainda das que outr'ora nos pertenceram, completando aquella descripção com as respectivas plantas e *croquis*, de forma a poder-se restabelecer, tanto quanto possivel, os primitivos planos;

Attendendo a que, para a execução d'estes trabalhos, pela sua extensão, complexidade, aptidões peculiares e dedicação expontanea que demandam, necessario se torna reorganisar a commissão permanente de investigação, nomeada pela citada portaria n.º 491 de 15 de julho de 1895, visto não residirem já n'este Estado alguns dos seus membros e completal-a com outros que voluntariamente se offerecem;

Attendendo a que é da maxima utilidade concentrar em um ponto unico, trabalhos d'esta natureza já produzidos ou que venham a produzir quaesquer commissões existentes, tornando estas subsidiarias e ainda aproveitar o concurso e boa vontade dos particulares:

Hei por conveniente, em nome de Sua E.ª o Sr. Conselheiro Governador Geral, reconstituir a commissão archeologica nomeada em portaria n.º 491 de 1895 com os seus membros ainda residentes na provincia, bacharel Alberto Osorio de Castro, hoje juiz do tribunal de 1.ª instancia, José Antonio Ismael Gracias, 1.º official da secretaria geral e José Maria do Carmo Nazareth, hoje 1.º escripturario da repartição superior de fazenda e mais os seguintes individuos: inspector de fazenda, Pedro de Athayde e Mello, presidente, chefe do estado maior do quartel general, capitão do serviço do estado maior do exercito do reino, José Augusto Alves Roçadas, director da repartição de agrimensura, capitão do serviço do estado maior do mesmo exercito, José Mendes Ribeiro Norton de Mattos e administrador do concelho das Ilhas, tenente de infanteria do exercito do reino, Jeronymo Osorio de

Castro, commissão que poderá corresponder-se directamente com as estações officiaes e institutos ou individuos particulares.

As autoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo geral, em Nova Goa, 25 de maio de 1903. — O secretario geral, *Francisco M. Peixoto Vieira.*

N.º 203 — Convindo que os trabalhos da commissão archeologica nomeada por portaria n.º 133 d'este governo geral, de 25 de maio ultimo, se tornem effectivos de forma que, obedecendo a uma determinada orientação, satisfaçam tanto quanto possivel aos intuitos da mesma portaria:

Hei por conveniente determinar em nome de Sua Ex.ª o Sr. Conselheiro Governador Geral, que as seguintes bases sirvam de norma aos trabalhos da mesma commissão:

1.º As vacaturas que venham a dar-se nos membros da commissão archeologica serão preenchidas por nomeação directa do governo geral.

2.º Compete á commissão:

a) O estudo e classificação dos monumentos da India Portugueza sob os aspectos archeologico, historico e architectonico e respectiva fiscalisação.

§ 1.º Sob a designação *monumentos* comprehende-se as fortificações, edificios, vestigios de povoados, ruas, muros, largos, e ainda armas, estatuas, imagens, moedas e outras obras, trabalhos e objectos conhecidos pela simples circumstancia de serem *antigos*.

§ 2.º Ainda o estudo de que trata a alinea *a*) deve estender-se aos *monumentos* coevos da supremacia portugueza no Oriente, e que, porventura ainda existam nos principaes centros do nosso primitivo dominio.

b) Propor por iniciativa propria as medidas necessarias para a conservação, reparação e restautação dos monumentos, estudando e apreciando os competentes projectos elaborados pela direcção das obras publicas.

c) Fiscalisar a rigorosa execução dos trabalhos depois da competente approvação.

d) Consultar sobre todos os assumptos de caracter archeologico, que lhe sejam submettidos pelo governo geral.

e) Proceder ao levantamento dos elementos technicos necessarios para a restauração graphica dos monumentos.

f) Elaborar monographias historicas, descriptivas e artisticas dos mais importantes monumentos.

g) Reunir collecções, copias e modelos que constituam subsidios de estudo no Real Museu da India Portugueza, Bibliotheca Nacional e Museu de Diu, comprehendendo objectos de armaria, trajes, utensilios agricolas, fabris e domesticos, artes e industrias locaes e ainda escolher, classificar e enviar para a Torre do Tombo os manuscriptos que estiverem nas condições designadas na circular de 15 de maio de 1891 e decreto de 29 de dezembro de 1887.

h) Escrever a historia militar e politica da nossa India, desde a descoberta até a actualidade sob os multiplos aspectos, redigir memorias e monographias que interessem aos mesmos assumptos.

i) Proceder ao reconhecimento dos locaes onde se deram os factos mais importantes e notaveis, colligindo plantas, photographias e *croquis* antigos e modernos, executando-se os respectivos levantamentos quando seja possivel, afim de serem reconstruidos os planos primitivos.

j) Fazer um estudo especial sobre a velha cidade de Goa, e da sociedade portugueza sob os differentes aspectos, desde a conquista até hoje, especificando-se o viver dos portuguezes nos seculos XVI a XVIII, dos hindús e mussulmanos; usos, costumes, crenças e *folke-lore* da India Portugueza.

k) Investigar da existencia de quaesquer monumentos archeologicos na provincia, recorrendo para esse fim ás auctoridades locaes (*administradores, commandantes militares, parochos, commandantes de praça, fortes*, etc. e ainda aos particulares.

l) Publicar uma revista intitulada — *O Oriente Portuguez — Revista da commissão de archeologia da India Portugueza* — em que serão publicados trabalhos litterarios officiaes e particulares, que mais interessem ao caracter da revista.

§ unico. Todos os escriptos, antes de serem publicados na revista, serão apreciados pela commissão archeologica, que decidirá pela sua modificação se com esta concordar o auctor, ou pela sua rejeição em absoluto.

3.ª A execução das deliberações da commissão e a direcção do respectivo expediente será da competencia de uma

commissão executiva composta de tres membros respectivamente eleitos

4.ª Nos monumentos classificados de archeologicos não serão executadas obras de qualquer natureza, ou sob qualquer titulo, sem previo parecer da commissão archeologica.

5.ª Por motivo algum serão permittidas expropriações em monumentos classificados de archeologicos.

6.ª Haverá um fundo especial constituido pelas verbas inscriptas no orçamento da provincia, producto da venda de monumentos desclassificados e por donativos particulares, destinado a custear as despezas a fazer pela commissão com o serviço de archeologia.

As autoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo geral, em Nova Goa, 11 de agosto de 1903. — O secretario geral, *Francisco M. Peixoto Vieira*

Officio sobre a peça de Banastarim

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro
Governador Geral.

Em setembro de 1512 voltava Affonso de Albuquerque da conquista de Malaca. Chegando á barra da Aguada em outubro, dirigiu-se por Goa Velha em direcção a Banastarim, em reconhecimento ás obras de defeza dos mouros, que, havia oito longos mezes, investiam a cidade de Goa.

Era uma verdadeira forraleza o campo de concentração dos mouros.

Do lado da terra, a muralha construida de pedra, era simples nos flancos, dupla e entulhada com areia, na frente; reforçada com torres de alvenaria, cubellos e barbacãs, envolvia um recinto que chegou a conter perto de 15.000 combatentes.

Do lado do canal, rematava este recinto, uma serie de tranqueiras ou estacadas fortissimas amparadas com parapeitos de terra.

Era o ponto fraco da posição e porisso o guarneceram com a melhor artilheria da epoca.

As honras da lucta couberam a um falcão de carregar pela culatra (camara) e á roqueira de 16½ palmos de comprido por 14 polegadas e 3 linhas de calibre, que depois se ficou chamando — *Peça de Banastarim* — O primeiro foi encravado pelo *condestabre mór* da India, João da Camara, que recebeu porisso, uma bacia de prata de lavar as mãos; a segunda fez parte dos despojos, e lá continuou assestada para Banastarim, guarnecendo uma das torres da fortaleza de S. Pedro.

Em 1566 sendo viso-rei D. Antão de Noronha, a cidade de Goa, tinha crescido tanto, que rompera o cinto da

velha cerca mourisca e estendia as suas avenidas até proximo de Banastarim, S. Lazaro e Daugim.

Era preciso defender a perola do Oriente. Construiu-se então a soberba muralha que desde Daugim seguiu ao longo do canal e por Banastarim e planalto de Carambolim vinha terminar na bateria rasa de Panelim, na margem do Mandovy. Era um campo entrincheirado perfeito, de cujo armamento fazia parte a historica bombarda de Banastarim, que continuava assestada para a margem opposta, prompta a enfiar com os seus pelouros a calçada de Pondá, caminho predilecto das invasões do Hidalcão e mais tarde do Maratha.

Decorreram os annos e os seculos e com estes veio a nossa decadencia. Principiara o vandalismo. Os edificios publicos, os conventos, as casas, as sepulturas, tudo, até as pedras das calçadas, foram derrubados, destruidas, violadas e arrancadas, isto n'uma insania de seculos, de forma que hoje, restam uns pannos da grossa muralha, attestando ao viajante qual seria a nossa força militar; alguns conventos e restos de edificios, lembrando a nossa fé e civilisação; e a peça de Banastarim como unica testemunha dos feitos de Albuquerque.

Levaram já o tumulo do grande conquistador; levaram já a peça de Diu, arrancando-a do lendario baluarte; levaram já uma infinidade de documentos artisticos, litterarios e historicos, os quaes povoando hoje as salas da Academia das Bellas Artes, Museu d'artilheria e outros nacionaes, Bibliothecas, e as prateleiras da Torre do Tombo, perdem assim esparsos e isolados, o valor que teriam, vivendo cada um nos logares que lhes deram os nossos maiores: o tumulo d'Albuquerque, no sitio da Senhora da Serra, visinho dos postigos dos Baçaes, cuja defesa tanto cuidado lhe deu; a peça de Diu, no historico baluarte que tantos heroismos presenciou; a roqueira de Banastarim, em frente do terrivel passo que tantas vezes defendera; as lapides das sepulturas de milhares de heroes, nas campas que guardam seus ossos; os rendilhados frontaes de granito negro de Baçaim, junto aos aristocraticos portões de novo levantados; as columnas, com os seus capiteis derrubados, junto dos atrios que sustentaram; os monumentos litterarios nas bibliothecas dos conventos.

Assim dispostos, representando o passado, guardados e conservados como outras tantas divindades, constituiriam para o viajante, um verdadeiro museu natural de archeo-

logia, templo da fé e das virtudes civicas de um povo descobridor e conquistador.

Ex.mo Sr., pelo exposto, reconhecerá V. Ex.a, o interesse e patriotismo que anima a commissão archeologica da minha presidencia. Reorganisada pela portaria provincial n.º 133 d'este anno do governo de V. Ex.a; animada pelo decreto de 31 de dezembro ultimo, lançou-se de alma e coração no caminho de fazer reviver todos os documentos que possam representar o nosso glorioso passado oriental, como o provam as bases para futuros trabalhos publicadas no *Boletim Official* n.º 63.

Absorvidos no ideal que se traçaram a si proprios, os membros da commissão archeologica de Goa, confiam no apoio e concurso do governo da metropole, por isso esperam que V. Ex.a consiga sustar a ordem que determina que a velha peça de Banastarim, recolha ao museu d'artilharia do reino.

Este facto constitue para a commissão archeologica, que, por assim dizer, inicia agora os seus trabalhos segundo um determinado plano, uma completa decepção, pois equivale a ser despojada, logo no inicio dos mesmos trabalhos, de um dos monumentos archeologicos de mais valor historico.

Deus Guarde a V. Ex.a — Commissão permanente de archeologia, em 15 de outubro de 1903. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Governador Geral do Estado da India. — O presidente da commissão, *Pedro de Athayde e Mello.*

Nótulas de Historia e de Ethnographia

«Les faits décidement n'ont de valeur que parce qu'ils soulevent d'idees, de poussiére».

REMY DE GOURMONT.

Aos meus mestres em Historia Peninsular os Srs. Don Rafael Altamira e Dr. J. Leite de Vasconcellos.

I

Os christãos de São Thomé

Um moço brâhmane de Goa, tão modesto como intelligente, o sr. Amancio Gracias, teve a lembrança amavel de me offerecer nas vesperas da sua partida para Lourenço Marques, como funccionario português, uma Memoria que apresentou ao Congresso colonial nacional da Sociedade de Geographia de Lisboa, sobre as *Origens do christianismo na India*.

Repugnou-me corresponder a uma amabilidade de quem ia deixar o seu paiz, com um simples bilhete banal de cortezia, e procurei ler, á pressa embora, o opusculo offerecido, vencendo a apprehensão de pouco ou restricto interesse que esse assumpto indiano da tradicional evangelisação de São Thomé me inspirara *au premier abord*.

Finda a leitura a uma hora alta da noite, veiu-me a impressão nitida de que esse problema de historia religiosa podia ter uma solução diversa da que lhe escolheu o sr. Gracias, ou ser posto com uma maior complexidade de dados, de geral interesse, e d'uma alta curiosidade.

Uma visão intensa do que se chama o «fim do paganismo», do estado moral do mundo antigo sob o imperio Romano, da extraordinaria effervescencia religiosa que enlouquecia então o Oriente alexandrino-mazdeïsta, me atravessou de relance o espirito, na evocação e associação de leituras dispersas e vagabundas sobre um assumpto que desde muito tempo me prende a attenção nas rapidas horas de descanço: — as origens do christianismo, e a historia moral das sociedades greco-romanas na crise philosophica e *official* do polytheismo europeu. A crise, sim, a transformação, não o fim do paganismo (veja se o admiravel estudo de Remy de Gourmont, *Le paganisme éternel*, no seu livro já celebre *La culture des idées*, veja-se o bello livro do dr. Leite de Vasconcellos sobre as *Religiões da Lusitania*, os seus estudos da sobrevivencia das antigas crenças lusitanas).

A memoria historica do sr. Gracias denota comtudo uma grande leitura, sobretudo de estudos inglezes. Pretende provar que não passa de lenda vaga e ignorante de viajantes ou de crentes a evangelisação do Apostolo São Thomé na India, e que lendaria, ou phenomeno de migração de tradição, é a crença que ainda agora impelle milhares de peregrinos indios ao monte de São Thomé em Meliapor, no suburbio da Madrasta, pretendido logar onde os brâhmanes immolaram o discipulo de Jesus.

Não define tambem se a manicheus ou gnosticos, ou a nestorianos da egreja persa é devida a primeira evangelisação da India.

Tão restrictos são pois os dados positivos e de *bom-senso* que intenta substituir á Lenda d'essas singulares christandades do Malabar, de Ceylão e do Coromandel, cujo encontro encheu de jubilo os marinheiros de Vasco da Gama no desembarque de Calicut, que o espirito é levado antes a procurar nos Legendarios a approximada verdade historica, que, sendo antes de tudo a grande verdade humana, não é sempre facil encontrar com o simples *bom-senso* ou com um limitado scepticismo critico, mas que é necessario forçar por vezes com uma ousada intuição, e uma atrevida visão da alma profunda e ondeante das multidões e dos individuos excepcionaes. A historia é antes de tudo, como a definiu o genio hysterico de Michelet, uma Ressurreição.

Como procurarei mostrar, o problema historico versado no opusculo do sr. Gracias é infinitamente mais complexo do que á primeira vista parece, e pode bem ser um curio-

so episodio do commercio do Occidente e do Oriente na antiguidade classica.

*
* *

«... E na sua ignorancia religiosa, diz Oliveira Martins ao descrever a chegada dos Portuguezes á India, viam por toda parte os christãos do Preste. Os indigenas adoravam a Virgem Maria; e os nossos prostravam-se tambem deante de Nossa Senhora na presença de Gauri, a deusa branca, Sakti de Shiva o destruidor...»

Enganou-se n'este ponto, creio, Oliveira Martins, ou enganou-o a narração de Ferdinand Denis, de mistura com o seu gosto artistico das opiniões brilhantes embora summarias, nitidas, embora só conformes a uma verdade de these, por vezes paradoxal, ou derivada d'aquelle seu nobre pessimismo acerbo de moralista d'uma sociedade. Como para os seus mestres teutonicos, a historia foi antes de tudo para elle uma arma moderna de combate e de duello pessoal e politico.

Não pode haver hoje sombra de duvida de que os portuguezes vieram encontrar no Malabar uma grande e antiga christandade.

«E depois que o Bemaventurado Apostolo S. Thomé passou a estas partes da India, andando por ella pregando a lei da Graça ... chegou tambem a este Reyno de Cranganor, onde fez grande fructo... e fundou n'aquella ponta (onde depois a tantas centenas d'annos se fez a nossa fortaleza) um templo que hoje se vê dentro d'ella».

(Diogo de Couto, Decada VII, liv. VIII, cap. XIV.)

Sobre os documentos portuguêses, os textos dos nossos historiadores ou apostolos da conquista das costas da India, como sobre os documentos do Vaticano referentes aos christãos de São Thomé, remetterei os curiosos para o interessantissimo opusculo que este anno publicou em Trivandrum o meu venerando contemporaneo de Coimbra, o Senhor Dom Matheus de Oliveira Xavier, actual Bispo de Cochim, e que intitulou: *Some elucidations on the occasion of the Rt. Rev. Dr. A. Medlycott's article published in the «Voice of Truth»*.

Não se deve perder de vista que os Portuguêses da Renascença eram plenamente do seu tempo illustre, não uns vikings barbaros e broncos, mettendo direitas ás praias

voluptuosas do Sul resplandecente as proas dos seus barcos piratas, em demanda de prezas, de vinho loiro, de escravas airosas e de sol ardente. Eram uma gente audaz e fina, como os mestres phenicios ou gregos, como os barcelonêses, os genovêses ou os venezianos, seus parentes Ligures.

Os companheiros do Gama não podiam de modo nenhum confundir a Madona romano-bysantina, se alguma sua imagem encontraram nos templos anti-mariolatricos dos nestorianos malabarêses, com qualquer idolo feminino do hinduismo, de seio alto, de cinta estreita, e de rins d'um galbe exagerado, como um pleno desabrochar de lotos de bronze fecundados. Diogo de Couto e Gaspar Correa, que tão precisamente se referem aos christãos de São Thomé, viveram na India ao longo do seculo XVI, e o primeiro era um brilhante espirito aristocratico do Renascimento, e seguia de Goa, como o «seu matalote e amigo Luis de Camões», e tantos outros, a sumptuosa cultura da Italia *dell' Umanesimo*, propicia entre todas á formação de super-homens. (1)

Gaspar Correa era o lidimo representante da cultura media de Portugal no seu tempo, o *homem bom* dos concelhos, a *gente limpa* e *Portugal velho*, o producto d'aquellas admiraveis camadas burguêsas dos seculos XIV e XV, em que se recrutavam os homens da Egreja, os homens do fôro, os sedictosos do tempo de D. Leonor Telles, os soldados de Aljubarrota, os nossos mestres artis-

(1) Vide *Il Rinascimento in Italia*, pelo Professor Pasquale Villari — *Intern. Libr.* do Dr. Garnett.

E não resisto á tentação de transcrever do prologo de Damião de Goes á sua traducção de *Catão Maior ou da Velhice* esta saborosa nota auto biographica e de critica litteraria do extraordinario quinhentista: «Nem deixarei de recitar o que daquelle prudentissimo, e gravissimo Erasmo Roterodamo neste nosso aureo, e doctissimo seculo principe de toda doctrina, e eloquencia, sobr'este negocio algumas vezes, juntamente com outras muitas sanctissimas confabulações (per spaço de cinco meses que com elle em Friburgo de Brisgoia pousei) entre nós passadas ouvi. Affirmava não ter achada no estudo cousa mais ardua que tralladar, nem digna de mor louvor fazendo-se bem, nem pelo contrario de mór reprehensão. Que cousa dizia pode ser de mór gloria, que amostrar aos Latinos em sua propria lingua, a elegancia, e prudencia grega? e aos Gregos a latina? E assi das outras linguagens. Nem que cousa mais abominavel, que o calumniar das linguas, declarando-as sem o sabor, doçura, e doctrina que nellas ha?»

Pois não está neste delicioso trecho d'um dos patricios e contemporaneos de Couto toda a cultura admiravel da Renascença Portuguesa?

tas, os nossos armadores do mar alto, os nossos commerciantes do Porto, de Lisboa e de Antuerpia, mas que o exgottamento da população viril nos combates e nos climas tropicaes, e uma definição demasiado temporã e demasiado facil do principio monarchico, mercê dos transfugios ou defecções de fidalgos nas luctas com Leão e Castella, e tambem das excessivas perdas aristocraticas nas guerras e naufragios do Oriente, fez abortar por longo tempo e demorada desgraça, dando logar sem lucta a uma tyrannia regia, a uma aristocracia domesticada, corrompida e enervada por todas as servilidades do Paço, e a uma obscura massa ignorante e passiva de plebe rural, medusada pelas visões dos bruxedos e do inferno fradesco, e cantando por dois longos e tristes seculos, na desolação dos caminhos pelos descampados, á portaria dos conventos, na miseria dos povoados, aquella soluçada, apavorada, angustiante, e exanime melopea da batalha de Alcácer, recolhida piedosamente na sua *Miscellanea* por Miguel Leitão de Andrade, o fidalgo soldado da ala deanteira de D. Sebastião, a alma mais representativa que conheço do Portugal da grande catastrophe nacional, e da profunda neurasthenia em que nos lançou uma sobrehumana epopea de Energia e Individualismo.

A cruz insculpida sobre o lendario tumulo do Apostolo, desenhou-a Gaspar Correa *de visu*, encontra-se o seu desenho a paginas 723 do Tomo 2.º das *Lendas da India*. Cruzes como essa, de forma latina, viu-as elle nas paredes da egreja de São Thomé, no monte d'este nome, perto de Madrasta, então envolvido em arvoredo bravio de sertão, perfeito *djángál*, como convinha a uma sepultura de *Yoghi*. Á exhumação dos restos do Apostolo assistiu Gaspar Correa, p. 725. Falla na inscripção em characteres incomprehensiveis que estava insculpida na lousa, e que era em *pehlevi* do seculo 7.º, segundo a *Encyclopaedia Britannica*, e os modernos eruditos inglezes.

Outra testemunha a depor sobre as christandades de São Thomé, Jeronymo Osorio, bispo de Silves, e aio de D. Sebastião, era um dos maiores humanistas e intellectuaes da sua epoca. E convem lembrar, para se avaliar a exactidão do seu testemunho, que elle era filho do segundo ouvidor geral da India, João Osorio da Fonseca, o João do Souro, de Soyro, d'Osoyro ou de Osouro dos chronistas e linhagistas, o magistrado cuja honestidade e intelligencia são louvadas por Fernão Lopes de Casta-

nheda, n'aquelle sobrio, dramatico, e magistral capitulo da prisão em Cochim, por ordem de Nuno da Cunha, dos amigos de Lopo Vaz de Sampayo. Bom lettrado, lhe chama Gaspar Correa. No Malabar, onde quasi sempre viveu, teve por certo occasião de conhecer bem a judiaria de Cochim de Cima, de que adiante fallaremos, e daria ao filho conhecimentos exactos.

Os nossos theologos do synodo de Diamper eram da terra de Pedro Hispano, não podiam enganar-se grosseiramente ácerca das christandades do sul da India, nem quanto á sua qualidade e antiguidade de christãos, nem quanto á classificação da sua heresia. São Francisco Xavier era um condiscipulo ou um antecessor de Laynez, de Sanchez e de Loyola, os subtis theologos do *chemin de velours*.

Não deixa de ser verdade que o apparecimento de cruzes no Coromandel ou no Malabar, em Angediva, em excavações na cidade de Goa, ou em Thaná, nas cercanias de Bombaim, não prova só por si a existencia anterior de christãos no sitio em que vieram a descobrir-se essas cruzes.

A Cruz não pertence exclusivamente á symbolica christã, como o prova a erudição moderna.

Vem dos cultos anteriores, assim o admittem mesmo os archeologos mais orthodoxos, e até na sua forma de cruz latina, não já só na de cruz ansada, de cruz grega, serapidia ou bachica, de cruz em tau, de cruz gammada ou *suástika*, a qual se encontra desde a China e a India, (é aqui um symbolo de Xiva) aos dolmens de Portugal ou da Europa septentrional. A cruz foi um velho symbolo universal do Fogo, ou melhor do Sol, provindo da representação em perfil, unicamente praticada então, do utensilio pre-historico em que se fazia nascer a chamma pelo attricto. E pela correlação entre as ideas de calor e de fecundação, e pela propria operação para o nascimento da chamma, veio a dar na escripta hieroglyphica a representação da *vida apparecendo, vitam venturam, zoên epercho-menên*; como posteriormente significou no symbolismo dos tumulos o renascimento espiritual, a esperança d'outra vida. *Crux vita nostra.*

*
* *

Tres hypotheses *razoaveis* a meu ver se podem aventar ácerca das origens da primeira evangelisação da India.

a) Por missões lentas da egreja syrio-oriental, eutychio-jacobitas, monophysitas ou monotheliias, ou por missões propriamente nestorianas, sahidas do collegio de Nisibe, o grande alfobre que espalhou a heresia de Nestorius pelo Egypto, a Syria, a Arabia, a Tartaria, a India e a China; seguindo essas missões pelos logares perso-bactro-hindustanicos onde dominaria ainda a influencia hellenica, o nome, portanto, do imperio byzantino;

b) Pela dispersão dos nestorianos ao longo das costas do mar Erythreu, o actual mar das Indias, na occasião da perseguição violenta de Cyrillo e da corte do *Basileus* de Constantinopla; e depois pela victoria do Islam;

c) Pelo apostolado tradicional de um dos primeiros discipulos de Jesus (e é sobre esta hypothese que me demorarei por agora, procurando justificar a impressão ultima que me deu a leitura do opusculo do sr Gracias, e perfeitamente contraria á these do auctor); apostolado este favorecido pelas seitas therapeuta e essenia, das quaes a doutrina de Christo foi primeiramente uma modalidade, e que nesse tempo alvorotavam as communidades hebraicas espalhada por todo o mundo greco-romano, em contraposição ás seitas dos sadduceus e phariseus, não podendo deixar de agitar tambem a communidade judaica fixada até hoje, precisamente, no mesmo ponto da costa malabarica onde os Portugueses vieram encontrar o nucleo das christandades de São Thomé.

Ponho de parte a possibilidade d'uma propagação pela Abyssinia de uma evangelisação monotheliia, porque me parece a mais improvavel, dada a limitada expansão da civilisação do Preste, se bem que Gaspar Correa no volume 3.º das *Lendas da India*, pg. 424, falle na tradição abexim da vinda de São Thomé á India e ao paiz dos Sines, ou China, pela ilha de Socotorá, a antiga Dioscoridis do *Périplo do mar Erythreu*.

*
* *

Não é impossivel a diffusão gradual do christianismo na India pela evangelisação das egrejas hereticas do imperio byzantino, pois desde Alexandre era grande a influencia hellenica no Indostão, por via dos dominantes gregos da Bactriana, approximadamente o actual Afghanistão.

Os monumentos descobertos nas proximidades de Pechâwâr, na Porta Aryaca do Himálaya, attestam só por

si essa grande influencia do Hellenismo na India do norte, consequente á expedição de Alexandre nos fins do IV seculo antes de Christo. (*)

Mas a localisação das christandades de São Thomé no sul da India e na visinhança da colonia hebraica do Malabar, o seu isolamento, não dão grande plausibilidade a esta hypothese de diffusão por meio de missões, mais ou menos protegidas por um grande organismo administrativo como seria o do imperio romano byzantino, e o do imperio Sassanida, e por uma tradição de cultura como era o Hellenismo. Tal phenomeno de isolamento e de localisação maritima do christianismo malabar, porém, explica-se melhor por uma evangelisação de apostolo, de Santo ou de creador de religiões, fecundada pelo martyrio, e irradiando d'uma mesma communidade ethnica já fixada; ou por uma immigração repentina de perseguidos, de fugitivos, de vencidos, desembarcados em massa.

A côr characteristicamente nestoriana que apresentava a christandade do Malabar, não só á data da chegada dos Portugueses á Costa da India, mas á data da visita do legado papal João Marignoli nos meados do seculo XIV, da missão franciscana mandada a Coulão pelo Papa João 22 em 1339, pode bem explicar-se por um d'esses exodos a que foram forçados os nestorianos. Mas não dá inteiramente conta do phenomeno de isolamento e de localisação, nem da *lenda* de São Thomé, muito anterior á heresia de Nestorius.

Este heresiarcha foi chamado em 427 A. D., da cadeira episcopal de Antiochia á sede patriarchal de Constantinopla. Era aristotelico, discipulo de Theodoro de Mopsesto, representava o partido philosophico da Egreja, e estava assim em lucta com o partido paganisante, encarnado em São Cyrillo, o fogoso e violento patriarcha de Alexandria,

(*) Tenho presente a interessante nota a pg. 25-27 do 1.º vol. da *History of the Parsis*, pelo Sr. Dosabhai Framji Karaka, obra cujo conhecimento devo ao meu fallecido e saudoso amigo o Sr. Sohrabji Manechji Cavasji Damânevalá, um illustradissimo espirito de Asiatico, que me fez sentir pela primeira vez, em inolvidaveis conversas, o encanto e a nobresa d'uma alta cultura propriamente oriental.

Este distinctissimo Parse possuia e manuseava as melhoras edições eruditas dos livros sagrados da sua raça. E conhecia muito tambem a sua patria adoptiva, a India, «*a great and a terrible world*», como repetia ao pequeno Kim aquelle doce e mysterioso Lama do bello romance de Kipling.

o auctor moral do assassinato pela multidão nas ruas da babel ptolemaica, da neo-platonica Hypathia, a virgem e formosa mathematica, ultima esculptural encarnação do claro e radioso genio olympico do paganismo (3). Nestorius pretendeu oppôr-se ao anthropomorphismo das multidões, á mariolatria, de origem egypciaca, e no concilio de Epheso é condemnado sem mesmo ser ouvido, desterrado logo para um Oasis do esbrazeado deserto do Egypto, «onde a sua lingua de blasphemador foi roida pelos gusanos, sahindo o heresiarcha do inferno das areias candentes para as chammas ainda mais devoradoras do inferno ultra-terrestre».

A sua doutrina philosophica voou porém longe nos simuns do deserto e no pó das caravanas.

Na Mesopotamia, berço da extraordinaria civilisação babylonica, só hoje começada a entrever em toda a sua grandeza (conferencias do Professor de Berlim, Delitzsch, nos dois annos passados, deante do Imperador Guilherme, em Portugal mesmo a traducção recente pelo Sr. Dr. Alves de Sá do surprehendente codigo de direito privado de Khammurabi, etc.), na Mesopotamia, digo, fundam os nestorianos a egreja Chaldaica.

Do collegios de Edessa e de Nisibe os missionarios espalham-se pelo Oriente, por todos os trilhos das caravanas. Com os judeus fundam a escola de medicina de Djendesabur.

Sabe-se que Mahomede, adolescente, foi um dia do verão de 581 da era Christã acampar com a caravana do seu tio Abu Saleb, as portas do mosteiro nestoriano de Bosra, na Syria.

Ahi o monge Bahirah lhe ensinou o nestorianismo, do qual a sua doutrina é um aspecto. A Arabia, então, era o

(3) Como diz tão finamente o Sr. Remy de Gourmont no prefacio ao livro de Georges Duviquet — *Héliogabale* : «Les jeunes Romaines une fois mariées, jouissaient d'une grande liberté, mais il ne semble pas qu'elles en aient abusé davantage en ce temps—là qu'en tout autre. Ce sont les physiologies qui font les moeurs, et non les lois ou les croyances. Les légendes chrétiennes sur la corruption de l'empire romain sont sans valeur, et ce qui le prouve tout d'abord, c'est la facilité avec laquelle le christianisme conquit cette société qu'on nous représente livrée à tous les dévergondages». — E *vide* Littré, *Etudes sur les Barbares et le moyen-âge*, o ensaio sobre o 4.º seculo da Era christã; e H. Taine, o ensaio sobre Marco Aurelio, nos *Nouveax Essais*; os estudos de V. Duruy sobre a sociedade romana nos municipios do imperio; e ainda o estudo de Renan sobre Marco Aurelio.

refugio não só de judeus, já antigo (havia muitos judeus em Medina), como de nestorianos perseguidos. Na Arabia chegaram estes mesmo a ter um Bispo. E os principes christãos da Abyssinia, monophysita e nestoriana, eram senhores do Yemen, da biblica Hymiar. E' possivel portanto que pelos portos da costa abexim do seio arabico, pelos portos do sul da Arabia ou do golpho Persico, missões nestorianas viessem á India evangelisar, ou ensinar a populações hindus já christinisadas, a heresia de Nestorius. Cosmas Indicopleustes, o mercador egypcio do Erythreu (*Topographia christiana*), é testemunha da existencia de nestorianos em Ceylão, Malabar e Caliana (visinhança de Bombaim), antes do meio do seculo 6.°. V. Yule, *Cathay*, I, CLXXI.

E nunca esse nexo com as egrejas nestorianas da Asia Menor se perdeu de vista nas christandades Malabares, pois segundo Assemani, *Bibl. Or.* III, I, 590 e sq., foram mandadas da India deputações ao patriarcha nestoriano Simeon, e este enviou bispos ao Malabar em 1490 — *Encycl. Britann.*, art. *Saint Thomas.*

Não ha duvida que desde os tempos pharaonicos e phenicios sempre foram regulares, embora difficeis, as communicações do mundo antigo com a longinqua Taprobana e o Ophir das Especiarias e das Gemmas, com o recondito Chersoneso Aureo, e o paiz das Sedas.

Tenho presente o mappa do mundo por Ptolomeu (2.° seculo da era christã), comparado com as actuaes posições por H. Kiepert. Ahi estão marcados, segundo a identificação do moderno geographo, entre a ilha de Ormuz e o cabo Comorim, os portos de Harmuza, de Barace (uma ilha), de Barygaza e de Byzantium. E conhecido o *Periplo do mar Erythreu*, da segunda metade de seculo I da nossa era. Está na memoria de todos os que se interessam pela Historia a noticia das maravilhosas ruinas hymiaritas de Zimbabwe na Machonalandia, o nosso sertão de Monomotapa de antes do Tratado do ultimatum. Estudam-se ruinas persas na Africa Oriental Allemã (Kilwa, ou Quiloa, segundo a nossa velha orthographia).

As missões nestorianas, ou mesmo as antiochenas, podiam bem seguir os roteiros do Erythreu. Mas é certo que a tradição do apostolado de São Thomé na India é muito anterior, como já disse, á heresia de Nestorius, ou á dos monothelitas da egreja syria oriental (veja-se sobre as pretenções d'esta egreja á evangelisação da India o curioso

embora mal escrito pamphleto de A. F. X. Alvares, *Julio I, arcebispo,* intitulado *A supremacia universal na egreja de Christo,* e publicado em Colombo em 1896; e o opusculo *Antiochia e Roma, collecção de artigos publicados no jornal «Vinte e tres de novembro»*, opusculo publicado em Nova Goa em 1890).

A tradição do apostolado e martyrio de São Thomé na India, assim como a noticia de ser elle um dos irmãos de Jesus, encontra-se pela primeira vez na obra gnostica *Acta Thomae,* cuja edição ultima é de Ed. Bonnet (1883, Leipzig).

Em Eusebius de Caesarea (nascido ente 260 e 270 de Christo, martyrisado sob Diocleciano, em 309) vê-se referida á Parthia a evangelisação longiqua de São Thomé. Mas, como diz a *Encycl. Britann.*— artigo *Saint Thomas*, «the Parthian and Indian missions of Thomas may perhaps therefore be regarded as derived from a single tradition».

Muito naturalmente. Para um piedoso chronista romano — grego dos primeiros tempos christãos, e que não fosse um geographo, a India, a Parthia, o imperio inemigo dos Persas (*et Parthos feroces*, como diz Horacio), eram pouco mais ou menos a mesma remotissima terra nos confins orientaes do mundo então conhecido. E não estava naquelle ponto muito longe da verdade, pois sabe-se hoje pelos numismas achados em Herat, Sistan, Kandahar, em Begram, e mesmo no Panjab, e por uma inscripção encontrada perto de Pechâwâr, que um Partha por nome Gondophares, reinava no meado do primeiro seculo de Christo (*Encycl. Britann.* art. *Persia*, nota 2 a pg. 603 do vol. 18.º da 9.ª ed.) em quasi toda a Parthia e India Septentrional.

Sob o nome de Gundaphorus apparece-nos esse rei victorioso e forte, na tradição de São Thomé, narrada nos *Acta Thomae.*

A importancia d'esta prova pelos impassiveis numismas e inscripção, é, innegavelmente, enorme.

Deduz-se pelo menos que o nome desse rei iraniano da Parthia e da India septentrional chegara aos Romano-gregos, e que na redacção do reconto tradicional da evangelisação indiatica e martyrio do Apostolo se fez a facil associação do nome do Santo e do nome do Rei cujo mando chegava á India.

A um martyrio de missionario na terra de Gaza ao

tempo do poderio de Gungunhana, associar-se-ia immediata e involuntariamente o nome d'este, embora o carrasco do martyr tivesse sido qualquer regulo dos confins do sertão de Gaza.

Na ultima edição da *Encyclopaedia Britannica*, artigo *Apocalyptical and Apocryphal Litterature*, lê-se: «Acts of Thomas. This is one of the earliest and most famous of the gnostics acts. It has been but slightly tempered with by orthodox hands... Photius ascribes their composition to Leucius Charinus — therefore to the second century, but Lipsius assigns it to the early decades of the 3rd. (See Lipsius — *Apocryphen Apostelgeschichten*, — I, 225–347».

E não deixarei de dizer que na Inglaterra ha a tradição de em 883 ter sido Sighelmus de Sherborne enviado a Roma pelo Rei Alfredo de Inglaterra com presentes ao Papa, e de ter de Roma seguido para as Indias, onde em Mylapore ou Meliapor visitou o tumulo do Apostolo São Thomé. Vide *Encycl. Britann.*, art. *India*, p. 798 do vol. 12 da nona edição.

Mas vou passar em revista os elementos positivos de apreciação da terceira hypothese enunciada, a de uma evangelisação primitiva da India, referida ao primeiro apostolado christão, no periodo altamente dramatico em que no seio da nova seita judaica se abria fundo a lucta entre o espirito estreito e nacionalista de Jerusalem, que iria ter ao galileismo e por fim ao ebionismo, e o aberto e cosmopolita espirito do judaismo hellenisante, representado pelo judeo-alexandrino São Paulo, e que veio a triunphar ruidosamento no mundo.

E' a tradição de São Thomé, ou a *lenda de São Thomé*, com todo o encanto da reunião e interpretação de factos longiquos e meio obliterados, mas em que pode bem encontrar-se uma vêz ainda, como o ramo d'oiro do conto celtico, a larga verdade humana, superior e profunda, das Lendas. (4)

(4) A' data em que revejo a prova deste paragrapho do artigo, envia-me o meu collega de redacção, o infatigavel e conhecido erudito de assumptos indo-portugueses, sr. Ismael Gracias, um interessante artigo sobre os Judeus de Cochim, publicado na *Bombay Gazette* de 19 de agosto de 1903, em que se resume o estudo feito pelo Sr. Sankara Menon no relatorio do ultimo Censo do Estado nativo de Cochim. Diz o articulista da *Bombay Gazette*: «The presence, from days of remote antiquity, of a small section of the Jewish race

*
* *

Não se tem dado, a meu ver, toda a importancia que merece, na propagação realmente explosiva do christianismo, ao facto da existencia dentro das proprias communidades hebraicas espalhadas pelo mundo antigo, das duas seitas, oppostas, pelo seu character pouco nacional, ao pharisaismo e ao sadduceismo: as seitas dos Essenios e dos Therapeutas, de influencia mazdeista. E no facto historico em questão, não se pensou ainda na circumstancia da existencia no Malabar d'uma forte colonia hebraica que veio até hoje, e chegada á India na primeira decada da era christã, emigrada provavelmente da Persia ou da Mesopotamia. Não ha para mim duvida que aos libyphenicios, esmagados pela republica romana, aos phenicios, vencidos por Alexandre e pela creação de Alexandria, succederam na chatinagem ou na corretagem do mar das Indias os judeus alexandrinos, como a estes se juxtapuseram os Persas Sassanides (V. Cosmas, e Abulfeda) e se seguiram com o advento e triumpho do Islamismo os mercadores, guarda-livros, e pilotos arabes. Aquelle conto das *Mil noites e uma noite*, «Sindbad o Marinheiro», é a narrativa tradicional das primeiras navegações arabes no mar Indico.

Pierre Loti, na viagem cujas sensações nota no seu luminoso livro ultimo — *L'Inde (sans les anglais)*, foi encontrar

---

has been an noique phenomenon of the Cochin seabord, and is held to form a link, connecting the ancieot history of Kerala with that of the west.». Attribue á perseguição portinguesa o abandono de Cranganor, e a fixação da colonia hebraica em Cochim e Ernaculam. Os judeus negros de Cochim pretendem ser os primeiros immigrantes do Malabar. E' muito possivel, pois podem bem representar, a meu ver, os descendentes ou proselytos dos hebreus de Muziris (Cranganor). Ha hoje sómente 180 judens brancos em Cochim, segundo o ultimo censo.

Outro meu collega na redacção do *Oriente Português* e na commissão archeologica de Goa, o sr. José Maria do Carmo Nazareth, remette-me o magnifico livro do nosso arabisante sr. David Lopes, — a *Historia dos Portugueses no Malabar, por Zinadim*, manuscripto arabe do seculo XVI, publicado e tradnzido por occasião do Quarto Centenario do Descobrimento da India como contribuição da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Deve ser este o primeiro exemplar chegado a Goa, e recentemente, poisque o sr. J. Gracias o não conhecia

Folheio rapidamente esta obra notavel, que de certo ha de fazer honra aos orientalistas Portugueses, e na qual se estuda o que de

perto de Ernaculam, no estado de Cochim, os restos dos dez mil emigrados judeus do anno 8 da era christã, e 3168 da Tribulação, e é encantadora essa descripção dos dois *ghettos* separados de Matanchéri (5), o dos judeus brancos e o dos seus baços mestiços ou proselytos drávidas, enconchados ambos receosamente e hostilmente em casas pesadas e escuras, bem da epoca portuguêsa, e não da hollandêsa, como diz, creio que erradamente, o grande mestre do Exotismo.

Viu os judeus brancos definhando sob o peso formidavel de dois millenarios de clima indiano, mas irreductiveis, physicamente pelo menos, apartando-se com todo o orgulho hebreu dos seus proselytos ou mestiços, os falIados *judeus negros* de Cochim.

«La vétusté morose, — l'enfermement de tout cela, si l'on peut dire ainsi, — cadrent mal avec les palmiers du voisinage et avec le ciel; a ce détour imprévu, on n'est plus dans l'Inde, on est désorienté, on ne sait plus; on croirait quelque coin d'un ghetto de Leyde ou d'Amsterdam, mais transplanté, recuit et fendillé au soleil des Tropiques... Des Juifs, rien que des Juifs, ici, toute une juiverie pâle, anémiée par l'Inde et les maisons trop closes; ces deux mille ans de séjour au Malabar n'ont en rien modifié le type originel, contrairement aux théories admises, ni seulement basané les figures. Et ce sont les mêmes personnages, les mêmes longues robes que l'on rencontrerait à Jérusalem ou à Tibériade; jeunes femmes aux traits fins; vieilles chafouines au nez crochu; enfants trop blancs et trop roses, lymphatiques avec des airs futés, une petite papillote sur chaque oreille, comme en portent leurs frères de Chanaan...»

Ahi estão ainda, apesar da inquisição de Goa, do zelo dos padres (*Oriente conquistado* do padre Sousa, conq. 1.ª

mais moderno ha sobre os christãos de São Thomé e os judeus de Cochim. Aproveitarei o que poder ainda, em pequenas notas ao texto do artigo, já quasi composto Noto desde já na bibliographia que antecede o volume as seguintes obras: Sylvain Lévy — «Saint Thomas, Gondophares et Mazdéo», in *Journal Asiatique*, 1897, T. IX. p. p. 27-42; G A. Kohut,—Correspondence between the Jews of Malabra and New York a century ago», in *Smitic Studies in memory of Rev. Dr. A Kohut*, p. p 320—434, Berlim, 1897; E Kennel, «S. Thomas, the Apostle of India,» Madrasia, 1892; Gustav Oppert, «Ueber der juedischen Colonien in Indien», in *Semitic Studies*.

(5) Mattancheira, diz o Sr. David Lopes.

div. 2.ª § 29), e das façanhas anti-semitas *avant la lettre* de Nuno Alvares Botelho e de João Brito do Carvalhal, archivadas pelo sr. dr. Sousa Viterbo na *Revista Militar* n.º 6, de 31 de março de 1903, os decantados Judeus de Cochim de cima, de que fallam com estrondo as nossas chronicas da India. Vieram me á memoria tenaz as passagens de Gaspar Corrêa em que falla dos judeus da India, esse pittoresco episodio da venda de biblias hebraicas das synagogas de Portugal ao *ghetto* de Cochim, e em que se ia compromettendo um carregedor da corte (*Lendas da India*, vol. I, p. 656-657 e 900); os frequentes e quasi affaveis encontros de Judeus e Portugueses por esse immenso campo-santo nacional do mar das Indias, cujas «praias estão banhadas do sangue de martyres portuguezes», no dizer de Diogo de Couto (Decada 4.ª, liv. 4.º cap. 10.º), e não só do sangue inimigo dos vencidos da nossa aventura terrivel e pouco menos de louca, mas da qual resultou o facto essencial da historia moderna, e determinante da civilisação d'hoje, — o ultimo e decisivo golpe no espirito theocratico militante dos povos orientaes, então mais uma vez victorioso, irrompente, e ameaçador, sob o proselytismu armado do Islam. «Encontrarão o Paraiso á sombra das espadas cruzadas» (Alcorão).

O espirito theocratico afundou se com as naus de Meca aos nossos tiros certeiros de bombardas e de pelouros, e provavelmente para sempre. (*)

(*) Sobre a impressão que causámos aos povos de Ceylão vejo no livro do Sr. David Lopes este trecho do *Rajávali*, traduzido por A. W. Tocke, na «Imperial and Asiatic Quarterly Review», 1896:

«No mês de abril de 1522 succeden que chegou a Colombo um navio de Portugal; e el-rei foi informado de que havia no porto uma raça de geute muito branca e bella, que tinha botas e chapeus de bronze, e nunca estava parada no mesmo logar. Elles comem uma especie de pedra branca, e bebem sangue; e têem peças que fazem maior estrondo que o trovão...»

Em Damão, no Guzeratte, onde mais de dois annos vivi, ouvindo o povo designar os inglezes pelas palavras *Tôpí-válá*, a gente do chapeu (esses horriveis chapelões de cortiça que se usam nos paizes tropicaes, os *helmets*, «confortaveis», de fabricação inglezal, quiz saber qual era a nossa alcunha generica popular. O povo, a gente hindu, indica-nos á paridade pelo nome de *Dóndhiá* (singular, *dondhió*). Sohrabji Maneckgi suppunha que a palavra virta de *dóndh foró*, o *que quebra pedras*, a gente irrequieta, louca e cabeçuda que desfaz pedreiras para levantar fortalezas, os *arranca-pedras*, numa palavra. Gente que não está nunca parada, e que faz tudo em pedras para fortalezas! Não estão mal classificadas pelo passivo povo hindu a nossa febril actividade e extraordinaria energia constructora do seculo XVI.

No seu papel de correctores de commercio, os judeus prestaram-nos por vezes serviços inolvidaveis. Judeu devia ser o nosso grande explorador e precursor Pero da Covilhã. (7) Mercê d'essa origem, pelo Indico andou antes de Vasco da Gama. Judeu era o astrologo Zacuto, que D. João II consultava ao planear a expedição da India.

Judeus deviam estar espalhados ao tempo da nossa chegada por todos os portos ou escalas da costa occidental da peninsula hindustanica por todas as costas do Indico. Em Velha Goa ainda hoje se apontam logares onde houve synagogas, um no outeiro de N. Sr.ª do Monte (vide planta antiga da Ilha de Goa, archivada na Direcção das Obras Publicas), outro no campo de São Lazaro, ao pé do poço chamado *dos Judeus*.

Tinha o nome de rua dos Judeus a que do Arco do collegio do Populo, no Monte Santo, se dirigia pela crista do outeiro para os lados de Mata-Vaccas e da porta de Moulá, e cujo traçado ainda se vê e se segue.

É possivel que a tradição da synagoga seja um engano do chorographo, pois Gaspar Correa nas referencias que faz a este outeiro — ao descrever os combates em volta da cidade, não falla em synagoga (p. 93–193 e 195); que o poço dos Judeus no campo de São Lazaro ou de São Thiago seja apenas o poço da casa dos dois mercadores judeus de diamantes, Martins, que o viajante inglez Dr. Fryer, em 1675, hospedado em casa de um fisico francês, perto á egreja de São Thomé Novo, via frequentar cuidadosamente a missa, e comer em cada prato carne de porco. É possivel ainda que essa Rua dos judeus fosse o *ghetto* goês, apartado no extremo occidental da cidade de Albuquerque, e com que se sophismava por amor do commercio o Decreto 26 do primeiro concilio de Goa, a provisão anti-semita do Visorei D. Antão de Noronha de 16 de dezembro de 1565 (*Archivo Portuguès oriental*, Fasciculo V, p. 598–599), e ainda o Decreto 15.º do terceiro concilio provincial (1585), pois Mandelslo, que esteve em Goa em 1639, encontrou, ao que diz, mercadores judeus, e com synagogas na cidade.—(*Voyage and Travels*, p. 86). É pos-

(7) Não tive ainda occasião de ler a ultima obra historica do conde de Ficalho — *Viagens de Pedro da Covilhan*, nem sei se para Goa veio algum exemplar. Na occasião em que revejo a prova d'esta parte do artigo, abro mais uma vez o bello e sabio livro do Lente de Theologia da Universidade de Coimbra, sr. dr. Mendes dos Remedios — e intitulado *Os Judeus em Portugal*. E' effectivamente judeu o nosso

sivel que estivessem arruados então, como os armenios e banianes, e os proprios brâhmanes da terra, que habitavam o *Bomonçai*, na falda do outeiro de N. S. do Monte que dá para a rua de Santa Luzia.

Mas é presumivel tambem, dada a dureza anti-semita dos tempos portugueses, que essas tradições de synagogas e judeus provenham d'um passado remoto da cidade conquistada por Albuquerque, pois não creio que Velha Goa date d'algumas dezenas d'annos antes da conquista Portuguesa, que fosse edificada pelos moiros de Onor. Seria um bairro suburbano da velha cidade dos Cadambas, localisada tradicionalmente na actual aldeia de Goa Velha, na margem do Zuary, já no estuario de Mormugão, e bairro intermedio entre a capital hindú e o grande centro brahmanico da Ilha de Divar. Mas porque não seria antes a actual Goa Velha o local d'um suburbio ou de um segundo porto, só aproveitado na monsão secca, e verdadeira capital do tempo dos Cadambas a cidade que depois foi a capital do imperio luso-oriental, e que, ao contrario da pretendida cidade no estuario do Zuari, tinha um porto abrigado e magnifico, tanto para a guerra como para o commercio? Seria um estudo digno de tentar a curiosidade scientifica d'um official da nossa marinha o da identificação de Goa com algum antigo porto da derrota do Erythreu, tendo em vista o Périplo, o roteiro de D. João de Castro, e as *Modernas Instrucções nauticas* e os livros de viagens, e empregando os methodos da sciencia dos sitios, que levaram o sr. Victor Bérard ás magnificas inducções do seu livro «*Les Phéniciens et l'Odyssée*».

Entre as ruinas de Goa existe ainda e é venerada no mez Xravana (agosto), visitada por centenas de peregrinos, como

---

grande pioneiro João Perez da Covilhan, como o era o seu desgraçado companheiro Affonso de Paiva, de Castello Branco,—V pag 246 e seg. —No Cairo, Covilhan encontra-se, á volta de Conaoor, Calicute e Goa, com outros dois emissarios judeus de D. João II, Rabbi Abraham, de Beja, e mestre José, çapateiro de Lamego, e velho viajante do oriente.

Em 5 de outubro de 1498 as náos de Vasco da Gama, já de volta, aportavam á ainda nossa ilha de Angediva, ao sul do territorio de Goa. Um criado judeu do Sabaio, Senhor de Goa, e seu espião, assim que aviston os Portugueses exclamou, em linguagem italiana, segundo Goes, em fala Castelhana, diz Gaspar Correa:

«Deus saude as náos, os senhores capitães christãos e a companhia que nellas vem!». Pag. 282. O auxilio deste judeu veio depois a ser-nos singularmente proveitoso, diz o sr. dr. Mendes dos Remedios.

todos os que estão n'esta terra sabem, a *thirta* celebre de Brahmapuri, consagrada a Xiva, e o pagode deste Deus levantava-se no sitio onde depois edificou a egreja da Santissima Trindade o grande constructor de templos e expurgador da fé, D. Aleixo de Menezes. (8)

Os restos architectonicos e estatuarios, e pedras epigraphadas, que ultimamente tem sido recolhidos no Museu de São Caetano, na Bibliotheca Nacional, e até na Sociedade de geographia de Lisboa, alguns de pura arte hindú, attestam por certo não uma civilisação da ultima hora, sob a guarda violenta de rumes ou afghanes, mercenarios do Adil Xá de Bijapur, mas a existencia n'aquelle local da cidade de Goa de um velho centro de civilisação hindú. Excavações methodicas que se fizerem darão base a esta hypothese de hoje, que levanta a minha observação de antigo frequentador das ruinas da cidade.

No museu de São Caetano ha uma pedra insculpida de figurinhas, que sobem em linha quebrada, em uma comprida theoria de triumpho guerreiro, emquanto uma inscripção se desenrola tambem, creio que em characteres do sul da India, tamues, salvo erro.

A decifração immediata d'este documento de pedra impõe-se urgentemente. Não pode deixar de lançar um jôrro de luz sobre a antiguidade kadamba de Goa. Pela photographia se pode levar immediatamente essa evidente memoria de triumpho a todos os centros de estudos orientalistas.

Mas voltando aos judeus do Malabar. Porque não attribuir a esse nucleo hebraico a primeira christianisação da India drávida?

Vou expor rapidamente os motivos que me levam a não considerar como meramente ou impertinentemente paradoxal esta interrogação que se formou no meu espirito, filiando leituras despersas e fragmentadas das poucas horas que me é dado ter para descanço.

---

(8) Vide dr. J. N. da Fonseca, *Sketch of Goa*, pg. 274. O sr. Padre Gabriel de Saldanha, a pg 8 da sua curiosa *Historia de Goa*, localisa o templo de Xiva em Naroá, ilha de Divar, na visinhança de Goa. Não ha duvida porem que perto do sitio onde um monturo marca o logar em que se levantava a egreja da Triudade, ha os restos d'um grande tauque do pagode, talvez o *tauque de Timoja*, e uma *thirta* afamada ainda agora. Outra *thirta* havia ao nascente do terreiro da Fortaleza, e fica hoje sob a cupula da egreja de São Caetano, fechada pelas lages do pavimento.

*
* *

O êxodo hebraico por todo o Oriente foi enorme desde a annexação da Palestina á Assyria em 721 antes de Christo, desde a tomada de Jerusalem por Nabucodonosor em 597 e o Captiveiro de Babylonia. Chegaram á China os hebreus antes da nossa Era, e alli foram uma colonia forte, sendo bem provavel que mesmo nos juncos chineses viessem fazer o commercio de Taprobana.

A dispersão dos Judeus no Occidente não data apenas da destruição do Segundo Templo, da victoria implacavel de Tito. O conquistador Macedonio, á força ou persuasivamente, levou para Alexandria (por elle fundada em 323 antes de Christo) uma primeira leva de judeus da Palestina. Segundo Draper, *Conflictos da sciencia e da religião*, Ptolomeu Soter, depois da tomada de Jerusalem, fez ir para Alexandria cem mil hebreus.

O seu successor Ptolomeu Philadelpho resgatou noventa e oito mil escravos israelitas, pertencentes a Egypcios, e concedeu-lhes os mesmos privilegios dos cidadãos macedonios.

Tenho á vista a planta da antiga Alexandria. Ao sul, para a banda do Lago Mareotis, entre a linha meridional das muralhas e a grande rua que do Stadio levava, para o lado dos Jardins Reaes, á porta de Canópos, ficava o bairro commum dos Gregos, dos Judeus e dos Macedonios. Perto do Stadio o Serapéum, o sanctuario estranho do pandemonio ptolemaico, e que os Judeus frequentavam tambem.

N'esse formidavel cadinho da Alexandria dos Ptolomeus caldearam-se e fundiram-se para espanto do mundo os genios do Egypto, da Hellenia e da Judea, e com o da Judea, o genio profundo dos medo-persas, do Iran e da antiquissima Babylonia.

Porque ha um outro acontecimento na historia altamente dramatica e perturbadora de Israel, que teve largos effeitos na sorte da civilisação.

Esse facto coronal é o captiveiro de Babylonia, e a libertação dos israelitas por Cyro em 536 antes de Christo; quer dizer, uma primeira aryanisação de Semitas trazida á civilisação mediterranea, e realisada pela influencia do magismo ou do culto mazdeista.

A conquista persa de Babylonia misturou os cultos astrologicos da Chaldea com os cultos aryas.

Os judeus levaram para Alexandria essa primeira iniciação aryana. Em Alexandria estavam já aptos para a hellenisação, e n'ella provocaram o advento d'um novo estado moral da humanidade.

Da escola judeo-hellenica de Alexandria sahiu o christianismo cosmopolita de São Paulo, como sahira Jesus, e ainda trasbordaram depois, inundações fecundas do Osiris nilotico, o gnosticismo e a Cábbala, outras correntes universalistas de christianisação.

Graetz, o sabio Rabbino e professor da universidade de Breslau, confessa na sua celebre *Historia dos Judeus* que embora estes quizessem conservar intacta a concepção hebraica da divindade, nem por isso deixaram, involuntariamente, de dar entrada no Judaismo a certas ideas ou costumes da religião zoroastriana (Veja-se tambem o livro de A. Maury, *La magie et l'Astrologie,* pg. 95, e o artigo *Esseues* na *Encyclopaedia Britannica).*

Os Essenios e os Therapeutas (nome este tomado no Egypto pelos primeiros), representam nas communidades judaicas, em contraposição aos sadduceus e phariseus, de pura tradição hyerosolymitana a influencia do Mazdeïsmo na evolução religiosa de Israel. O dogma da ressurreição é mazdeista, por exemplo, ou iraniano.

A palavra Essenio é por alguns derivada d'uma palavra rabbinica que significa *guarda.* Porque não será *guarda do fogo sagrado?* As praticas heliolatras dos Essenios e Therapeutas têm sido postas em evidencia pela sciencia moderna.

O conhecimento da seita ascetica dos Therapeutas vem nos do *Tratado da vida contemplativa* de Philon de Alexandria, judeu hellenisante tão proximo de Jesus no tempo, no espaço, e no estado de alma; de Justino,—*Dialogo contra o Judeu Triphon*; de Plinio o Antigo; de Flavio Josepho, o historiador dos Judeus, cujo texto nos chegou tão deturpado por copistas falsificadores.

A authenticidade d'esse tratado de Philon, de que se encontra uma traducção francesa no livro de F. Delaunay, —*Moines et Sybilles dans l'antiquité judéo-grecque* (Didier, 1874), foi discutidissima desde Eusebius até aos nossos dias, até Graetz e P. E. Lucius. Hoje porem, diz o Sr. William Edward Collins, professor de Historia ecclesiastica em *King's College,* no artigo que sobre Philon escre-

veu para a decima edição da *Encyclopaedia Britannica*, hoje porem, depois dos trabalhos de L. Massebiau, de Cohn, Wendland, e F. C. Conybeare, considera-se essa obra, pela linguagem e pelo pensamento, como essencialmente, authenticamente philoniana. A bibliographia da questão vem apontada nesse artigo de Mr. Collins.

Os therapeutas ou therapeutidas eram essenios, mas influenciados em Alexandria pelas escolas neo-platonicas, pelo Hellenismo. E emquanto os essenios tinham uma vida activa, praticavam o trabalho manual, os therapeutas seguiam uma vida de contemplação, entrecortada de estudos de theodicea, e de extasis mysticos. Os Essenios desapparecem, (facto notavel), nos primeiros tempos do christianismo, o que faz crer n'uma absorpção. Os therapeutas confundiram se muito provavelmente com os ascetas christãos da Thebaida, pois se pareciam tanto com os monges christãos, apesar das suas praticas heliolatricas ou zoroastrianas, que São Jeronymo, e o historiador da Egreja primitiva, Eusebius de Cæsarea, não hesitavam em os tomar como christãos.

Sabe-se como a crença mithriacica, outra irrupção do mazdeismo no Occidente, e sua ultima phase, ameaçou converter antes do christianismo a um só credo o mundo greco-romano (Veja-se E. Renan, nas *Conférences d'Angleterre*, p. 44).

O culto de Mithra, tão parecido com o de Jesus, teve por um momento em equilibrio a balança espiritual do mundo classico, mas por fim pesou mais o christianismo, com todo o peso da espada imperial de Constantino, com toda a majestade latina do solio dos cesares.

Para a christologia moderna o *Christo em marmore brauco* de Renan é já uma hypothese antiquada.

Segundo G. Lejeal (*Jésus l'Alexandrin*, Maisonneuve, 1901), Christo fora um monge therapeuta, sahido a missionar do convento da seita á beira do lago Mareotis.

Devia pelo menos ter sido contemporaneo, discipulo, ou condiscipulo, ou simples ouvinte de Philon.

A colonia hebraica do Malabar, que Loti encontrou, ou proviera de Babylonia ou da Persia, onde o culto mithriacico agitava as almas, e onde nascera o Essenismo; ou vinha dos portos ptolemaicos do mar Vermelho, do mundo Alexandrino, onde a seita dos Essenios e Therapeutas dividia as communidades mosaicas. Mas proviesse do mundo chaldaico-iraniano, ou do mundo Alexandrino, é

certo que assentara em uma escala do commercio costeiro de Ophir e de Taprobana (7), e esse commercio devia correr desde muito, principalmente nos escritorios sedentarios dos portos, por mãos de hebreus, os grandes civilisadores do planeta pelas relações commerciaes, e os grandes agitadores das almas pelo gosto das especulações theologicas, agitadores afinal beneficos, pela decomposição critica a que levaram as crenças sob a influencia do hellenismo. Lembremo-nos que a Ophir, o moderno Malabar, iam as naus de Salomão, como iriam á costa oriental da Africa, aos estabelecimentos hymiaritas do paiz do Ouro.

E assim, no entreposto ou na escala do Malabar (8) a colo-

(8) Este estudo, começado quasi hesitantemente, procurando ainda demonstrar a auctoridade das testemunhas portuguesas do encontro em Calicute pelo Gama, de christãos nestorianos, pode bem terminar, graças á leitura do livro do sr. David Lopes, na plena convicção da verdade dos dados principaes do problema—a antiguidade da colonia hebraica do Malabar, e da evangelisação christã na India do Sul O sr. David Lopes resume os mais modernos estudos sobre os dois assumptos. A sua prudencia scientifica é que o não levou a uma hypothese geral.

Resumo o principal:

Cranganor deve ser a cidade de Muziris, visitada no meado do 1.º seculo christão pelo mercador grego Basilio, e indicada no seu *Périplo do mar Erythreu.*

O commercio dos Romanos com a India foi grande. Estrabão, tendo estado no anno 24 de Christo no porto de Myo Harmo, no mar Rôxo, viu alli 120 navios romanos levantando ferro para as feitorias imperiaes da costa occidental da India.

Acabáron, Barygaza (a actual Baroche, diz), Supara, perto de Vassai (hoje Supara, perto de Bassaim), Calliena (a moderna Kalian, perto de Bombaim), Naura (Onor, ou Honawar, segundo a graphia inglesa), Muziris (Cranganor, perto de Cochim), Nelcynda (no Travancor), eram portos de activo commercio, marcados no *Periplo,* sendo Muziris o principal, o antecessor de Calicute. Só no seculo VI de Christo as feitorias romanas desappareceram.

O estabelecimento da actual colonia hebraica no Malabar cerca da era christã não era improvavel, diz o sr. David Lopes, a pag. LXXXIV. Lembra uma perseguição que os judeus soffreram na Parthia em 34 da nossa era por causa de dois Sátrapas hebreus, e que pode explicar o apparecimento da leva hebraica no porto de Muziris.

Segundo Eusebio de Caesarea, em 190 de Christo, Panteno, philosopho de Alexandria, encontrou na India, entre christãos, o Evangelho de São Matheus em hebraico.

O estabelecimento dos judeus de Cranganor na Mattancheira, proximo de Cochim (Loti diz que Matanchéri é a cidade indigena, Ernaculam a cidade official do estado de Cochim, e a antiga cidade portuguesa e hollandesa de Cochim é o porto mercante), seria em 1565, tendo sido os judeus obrigados a abandonar Cranganor.

nia hebraica não podia deixar de receber a visita frequente de phariseus ou essenios, de sadduceus ou therapeutas, de todos os judeus errantes pelos rumos do Erythreu, homens de negocio, ou homens de oração e de loucura mystica, agitadores de almas, ou *brasseurs* ou *courtiers d'affaires*. (10)

Moysés Pereira de Paiva, judeu de Amsterdam, publicou no fim do seculo XVII uma noticia dos judeus de Cochim.

Para o sr. David Lopes todas as particularidades da Lenda de São Thomé parecem confirmar-se, e desre modo a hypothese da origem apostolica dos christãos do sul da India tem muita plausibilidade — p. LXVII.

O encontro que teve o apostolo na corte indiana com uma pobre tocadora de flauta da sua raça, uma *ambúbaia*, como se dizia em Roma, é explicavel por uma passagem de Estrabão sobre a exportação para o extremo oriente de escravas de prazer do mundo mediterraneo. Os que leram o airoso e voluptuoso livro de Pierre Louys — *Aphrodite*, (e perdôe-se esta reminiscencia litteraria), lembram-se bem que tambem da India se exportavam para Alexandria escravas indianas.

O sr. David Lopes não considera improvavel a ida de São Thomé a Meliapor, pag. LXVII.

Nota que nos Actos apocryphos dos Apostolos, por Abdias, já se refere a tradição do martyrio do Apostolo sobre um monte, e a construcção de uma egreja no local da immolação, o que tambem refere Gregorio de Tours no seculo VI. O local era muito venerado mesmo por idolatras, mesmo depois por Moçulmanos (sabe quem vive na India como é reverenciado pelos moiros um tumulo de *Pir*, ou Santo, como é respeitado por hindus e moiros o tumulo de S. Francisco Xavier). No seculo XIII a localisação do logar do martyrio no monte de São Thomé é já precisa (João do Monte Corvino e Marco Polo).

Não crê o sr. David Lopes que tivesse vindo a dominar primeiro nas christandades de São Thomé a influencia persa manicheista, mas a influencia persa na forma nestoriana.

Entre os Bispos presentes ao concilio de Nicea, em 355, estava João, Metropolita da Persia e da India, e não entraria nesse famoso concilio se fosse um heretico discipulo de Manes. E de resto o manicheismo começou a decahir depois do concilio de Roma em 444.

Nota o fervor do proselytismo nestoriano, e lembra tambem, como já me lembrara ao escrever este artigo, a ambiancia buddhista, ainda tão forte na India no 1.º seculo da era christã. Para explicar a reacção religiosa indiana que levou ao martyrio do Apostolo, recórdo o forte nucleo brahmanico do sul da India.

Aproveito esta nota para assegurar que se chama *Brahmapuri* ou de *Bannônetchal* a *thirta* ainda hoje visitada em Velha Goa, juncto ao *toléy* ou tanque do destruido pogode de Xiva. Ha a lenda de que communica com a *thirta* de Benares, o Ganges. A *thirta* que fica sob as lages da egreja de São Caetano perteucia a um pagode de Mahdeu. Ouvi agora isto a marinheiros gentios de Acaró. Ainda ao sitio da velha Alfandega da cidade de Goa chamam *Manduêr*.

(10) Arranco á ultima peça do sr. Mauricio Donnay — *Le retour de Jérusalem*, de que trazem noticias as revistas francesas recem-chega-

Na propria communidade Malabaresa se digladiariam as quatro seitas de Israel, e depois a quinta, desdobrada de duas d'ellas, e trazida por um homem novo e ardente, assombrado ainda pelo tragico fim do Mestre, e arrebatado n'uma transcendente Visão. Poisque uma tradição muito antiga faz de Thomé um missionario a paises remotos do Erythreu, porque razão não veremos n'elle um parente espiritual mais proximo de Jesus, se não pelo sangue, um essenio ou therapeuta tambem, cedo escapado á corrente nazarena ou da egreja de Jerusalem?

Entre os Judeus de Cranganor aprenderia elle, com o seu facil polyglottismo hebraico, as linguas dravidicas do sul da India. E como florecem na immensa India, infinitamente, as lendas divinas, e se veneram com facilidade os homens de Deus, os ascetas ou os apostolos, pode ver-se bem da maravilhosa e genial narrativa de Rudyard Kipling no *Second jungle book,* e que se intitula *O Milagre de Purane Baghat* De resto a India n'essa epoca estava mergulhada no extase profundo do buddhismo, na torrente do *Karma*, em pleno sortilegio de theosophias. Para os humildes d'entre os Drávidas, a caridade de Christo era bem mais comprehensivel que os prazeres ineffaveis das miragens do Nirvâna.

Que custa a admittir que depois de São Paulo ter genialmente encaminhado no sentido ethnico-christão o proselytismo messianico, que se insinuava profundamente e omnimodamente na sociedade greco-romana, que duvida pode causar que um discipulo d'elle, ou o proprio discipulo de Jesus, São Thomé, segundo a antiquissima tradição gnostica, viesse pela derrota malabarica do mar Erythreu trazer ao doce e tolerante rebanho drávida a palavra nova de Fé, de Caridade, e de Esperança em um mundo melhor? Nem podemos exigir uma exactissima chronologia quer para a vinda de São Thomé, quer para a fixação dos judeus da ultima immigração, poisque nem mesmo é hoje indubitavel que o primeiro anno da era christã corresponda ao anno do nascimento de Jesus, havendo mais probabilidade que seja o do seu baptismo.

---

das, peça que uns classificam de anti-semita, outros de philosemita, estas phrases curiosas: «Vous, juifs, vous n'êtes pas des créateurs, vous n'êtes que les commissionnaires de la pensée... Vous n'avez rien de ce qui constitue un peuple, et le différencie d'une bande! Quand il y a un juif quelque part il y en a bientôt dix mille».

O feitio nestoriano das christandades de São Thomé, definir-se-ia depois, mais tarde, provocado por immigrações nestorianas fugidas á perseguição orthodoxa, ou ao islamismo.

Friso ainda que em Cranganor, no proprio centro hebraico, foi o Samorim destruir uma *casa* de São Thomé, em odio aos portuguêses recem-chegados, como se vê em Gaspar Correa, vol. 3.º das *Lendas da Iudia*, p. 703. Onde havia judeus, encontram-se depois christãos, e judeus. Isto é caracteristico, e do modo nenhum uma observação banal. Cosmas Indicopleustes, como já ficou dito, affirma a existencia de christãos em Caliana (a actual Kalian, cerca de Bombaim), na primeira metade do seculo VI de Christo, tendo um Bispo, que procurava estender a sua jurisdicção desde Thanã ao Golpho Persico (Yule, *Cathay, and the way thither,* I, CLXXI, cit. in *History of the Parsis*, por Karaka). E é sabido que em Kalian ha ainda hoje uma progressiva colonia hebraica, que remonta, segundo as suas tradições, ao segundo seculo christão.

Se é certa a previsão que no seu formosissimo livro dos dias já longinquos do Darbar — *Visions de l'Inde,* — faz o *charmeur* que é Jules Bois, se é verdade que o Catholicismo virá a ser a religião unica d'esta immensa, semi-barbara, refinada, mysteriosa e terrivel India, mercê do definhar, e crescente subalternisação da casta brahmanica, tendo por determinismo a sua inadaptação ao meio occidentalisado, e principalmente o enriquecimento enorme d'outras castas outrora inferiores, ascendendo no formidavel alôr de riqueza da actividade commercial do imperio Britannico, então é no local da millenaria judiaria de Cranganor e no monte de Martyrio de São Thomé em Meliapor, que hão de edificar-se as Basilicas maximas triumphaes da Roma e da Jerusalem d'este redimido Oriente ... «Le christianisme s'affaiblit chez nous, mais il va renaître dans cet Extrême-Orient qui deviendra peut-être son dernier refuge».

E aos Judeus se terá devido o primeiro amanho para o reflorir d'esta primavera espiritual da velha India, eternamente nova.

E' uma hypothese a minha. E bem natural será que me não fosse dado levantar do mysterio e do abysmo do passado o Ramo d'oiro da Verdade.

Goa, Carazalem, dezembro 27 e 28 de 1903.

Alberto Osorio de Castro.

A MISERICORDIA DE DIU

Não deixará de interessar aos leitores d'esta *Revista* a reconstituição historica dos estabelecimentos e corporações de beneficencia, que existiram em Diu, e dos quaes, ainda hoje, restam vestigios. Torna-se arduo e ingrato o estudo, pois que muitos documentos desappareceram dos archivos, (1) de outros ha só vagas noticias, e alguns, que tivemos á mão constituem reliquias venerandas que a humidade, a formiga branca, a traça e o desmazelo transformaram em nojentos aggregados de rendilhado, passante e amarellento papel.

Sirvam estas linhas, ao menos, de repositorio em que se reunam todas as informações que podemos colher a este respeito, no decurso de um estudo de velharias sobre Diu.

Este nome evoca, immediatamente, os feitos guerreiros de indomitos portuguezes nos calcinados baluartes do soberbo e historico *Castello*. Mas, não convém esquecer que, a par de soldados esforçados, Portugal mandou para Diu homens bons, padres piedosos, almas de eleição, que, não envergonhando as tradicções guerreiras da raça, se compadeciam das miserias e infortunios em que cahiam as familias d'esses bravos que succumbiam gloriosamente, não abandonando a espada nas ultimas crispações da existencia e lançando os olhares cheios de fé á Cruz que sempre os procedia no mais encarniçado da refrega. E é por isso que o nome do Vigario de Diu, João Coelho, ficava então bem ao lado do do immortal heroe do 2.º cerco de Diu, D. João de Mascarenhas.

(1) Em 1896 queimaram-se bastantes livros do archivo das confrarias de Diu, por a traça tel-os inutilisado. Então se deviam ter perdido documentos importantes das antigas confrarias.

Occupem'o-nos, pois, hoje d'aquillo que os portuguezes fizeram aqui de piedoso e humanitario, começando pela mais antiga instituição de benificencia creada na Forteleza de Diu.

*
* *

Logo apóz a conquista de Goa a acção benefica do christianismo ahi se fez sentir e com ella os sentimentos caritativos dos portuguezes. Sabe-se que foi Affonso de Albuquerque quem maior impulso deu á Misericordia de Goa, cuja primitiva creação se lhe devia tambem com o nome de *Irmandade de Misericordia*, datada de 1515 a 1519. (1)

Em principios do seculo seguinte (2) o notavel Arcebispo de Goa D. Fr. Ateixo de Menezes construiu á sua custa tres hospicios, sendo um para pobres desvalidos, outro para viuvas e o terceiro para donzellas; os quaes mais tarde (3) por concordatas de 13 de setembro de 1610 e 23 de fevereiro de 1611, confirmadas por carta régia de 15 de março de 1634 foram subordinados, quanto ao temporal, á administração da Santa Casa do Misericordia. Ainda hoje ha prova material d'estas instituições no antigo convento do Carmo em Chimbel o no actual hospital da Misericordia em Ribandar, para onde foram transferidas em 1841.

Vejamos agora a origem da Misericordia om Diu. Não poderá ser completa a investigação, repetimos, por falta de documentos nos archivos; mas suppomos que alguma cousa de inedito se encontrará no que vamos dizer.

Construida a primeira fortaleza cuidou-se da erecção d'um templo christão ahi. Foi a egreja de S. Thomé construida em 1536, e que deu o nome á primitiva fortaleza de Diu, como se sabe. Mais tarde se transformou essa egreja na celebrada Sé de Diu, o mais grandioso templo aqui existente na antiguidade.

(1) Pe. Caetano F. de Sousa — «Instit. Port. de Educação e Ensino no Oriente».
(2) M. V. d'Abreu — «Rosquejo Historico de Goa».
(3) Pe. Casmiro C. de Nazareth — «Mitras Lusitanas no Oriente».

Gunha Rivára (1) menciona a seguinte lapida, que não chegou já a vêr, quando aqui esteve em janeiro de 1859:

Fez Mancel de Souza de Sepul
vida n'esta Sé as escadas, co
ro e torres, a capella-mòr com
as mais capellas, e seus relabol
os, todo o forro, e madei
ramento. Era de 1544
governando
a India Martim Afonso de Souza.

Em 8 annos, pois, se transformou a historica egreja de S. Thomé na majestosa Sé do Castello, que veio abaixo, com o resto dos antigos edificios ahi existentes ouir'ora, nos fins do seculo 18; havendo ainda aqui quem se recorde de ter visto em creança o portico da entrada, que foi a ultima parte a abater nos começos do seculo 19.

Poucos annos depois de se ter erigido o primeiro templo christão em Diu, se construio, dentro da Fortaleza ainda, outra egreja: a de Misericordia, em 1542, como se conclue d'outra lápida ahi existente no local em que estava situada esta egreja. Esta inscripção está collocada a esquerda da porta lateral d'esse edificio, como diz Rivára, (2) e hoje encontrava-se completamente soterrada, tendo-se, ha dois dias, procedido ás devidas excavações para pôr a curiosissima lápida a descoberto. E'uma bella inscripção em pedra preta, magnificamente conservada, com todos os caracteres bem visiveis, e que tencionamos fazer remover para o Museu archeologico de Diu, visto não offerecer garantia de resistencia a antiga parede em que está encravada.

Reza assim a historica pedra:

Esta Casa da Santa Mêza mand
ou fazer Dom Bernaldim da Si
lva amo delrey noso sõr send
o Provedor dela desmolas
que hele e os irmãos tiravam
nesta fortaleza dos fieis cris
tãos: era de 1542. Luis Neto a fez.

(1) «Inscripções de Diu» — 1865.
(2) Op. cit.

O local da egreja da Misericordia do Castello era á esquerda, entrando para a actual parada do quartel e antigo jogo da bola. (1) A parede principal, antigo frontispicio, estava toda em terra quando aqui chegamos, em 1900, e foi então levantada para disfarçar o montão de ruinas que logo d'entrada se patenteava ao visitante do Castello. (2) Com as invernias subsequentes caldiram pedaços das outras antigas paredes e soterrou-se a lapida que agora se poz a descoberto e outra mais receole de que andamos a procurar o paradeiro.

Esta inscripção, de que Rivára dá noticia tambem, dizia assim:

Sendo Vice-Rei e capitão deste Estado o I
ll.mo e Ex.mo Snr Conde do Ega, e Castellão d'esta
fortoleza Manoel Caetano Gomes da Sil
va, o chando logo que tomou entre
ga do seu governo a egreja da Santa Casa da
Misericordia em huma precipitada ruina que
não pedia demora acudir-se a ella,
e havendo ordem para sua reedifi
cação se não effeituou pela falta de
meios, entrou sem demora o dito Cas
tellão a procural-os com a sua ordem e diligencio,
e os achou, e ajustou a dita obra da
dita reedificação com muito commodo trans
ferindo o tecto da dita Igreja que era
de madeira por estar toda partida, e arrui
nada, com bons arcos de pedra e
terra que mostra a obra ser ma
is duravel, e esta se vencu pe
lo cuidado do dito Castellão
desde fins de Janeiro the
principios de Junho do anno
de 1765.

Esperar d'este castellão não deixar os seus creditos de architecto-antiquario por mãos alheias vê-se que se enganou na sua previsão, pois em menos d'um seculo desappareceram os taes *bons arcos de pedra e terra*, ao passo que ainda ha vestigios das primitivas paredes que tem quasi 4 seculos de existencia e mais de um de completo abandono.

Mas, voltando ao assumpto especial do nosso presente escripto, vemos que na primeira d'estas duas inscripções se

---

(1) Inscripção N.º 10 de Cunha Rivára no Op. cit.
(2) Relatorio sobre Diu de 1899-1900.

encontra resumida toda a primitiva historia da beneficencia em Diu. Ahi se diz a forma como se obtinham os fundos para o sustento d'esse primeiro estabelecimento pio n'estas paragens. N'ella se indica a data da sua construcção, do seu fundador e do auctor do edificio.

Quando o já citado arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes esteve em Diu, depois do Natal de 1596, (1) é possivel que lhesse tanto certo impulso á Misericordia d'aqui e á sua organisação administrativa; pois do seu punho era o Ms. intitulado =*Constit. para as religiosas de St.ª Monica em Goa*= e alem de mais serviços prestados á christandade de Diu, de que em outro escripto nos occuparemos, a elle ficou esta terra devendo um dos seus mais alterosos e elegantes templos, a egreja de S. Thomé Apostolo, na Praça, construida em 1598, como diz uma bem conservada inscripção que existe por cima da porta principal d'ella. (2)

O que se encontra nos archivos da Repartição de Fazenda de Diu (continuação dos livros do antigo adjuncto e da Feitoria da Fortaleza de Diu), da antiga conservatoria (secretaria do governo actual) e das confrarias de Diu, são referencias á Misericordia como já existindo em 1633. Não podemos, por em quanto, obter esclarecimentos anteriores, além dos acima apontados.

O primeiro compromisso da Misericordia de Diu, que se encontra na collecção dos «Livros dos Registos Geraes» da Feitoria, é de 1649, e tem o titulo: *Compromisso da Misericordia de Diu pello da Misericordia de Lisboa feita ao modo desta terra*, mandado pôr em vigor por assento da Meza e Junta da confraria.

D'este assento se deduz que anteriormente se regia esta Misericordia pelo compromisso de Lisboa, apresentado por Francisco da Silveira, que suppomos ser o capitão e governador de Diu de 1632 a 1638, visto os seus sentimentos religiosos. (3)

Depois da extincção das ordens monasticas na India, durante a governação do Perfeito Pores, em que se embrulhou a politica da India e de que se sentio grande reflexo em Diu, que se lhe conservou fiel, vemos a Misericordia governar-se aqui pelo compromisso da de Goa de 1732 até que mais tar-

(1) Fr. C. Nazareth, loc. cit.

(2) O corpo principal d'esta Egreja vae ser destinado para o *Museu archeologico de Diu* que o anno passado aqui fundamos.

(3) Segundo se conclue do Liv. *Dos* de J. Quadros.

do se extinguiu a Irmandade da Misericordia e este se fundiu com a irmandade das confrarias de Diu como adiante diremos.

*
* *

Além das esmolas dos irmãos, de que nos falla a lápida citada, teve a Misericordia varios legados e instituições pias de capellas. Não podemos seguir a par e passo todas essas deixas dos antigos portuguezes que aqui constituiam familia ou aqui falleciam dispondo dos seus bens na India e no reino. Dos já mencionados archivos se conclue que em 1766 o fundo da Misericordia era de 28.000 xerafins, que foi successivamente diminuindo, á medida que ia fallecendo a grande seriedade na administração dos seus teres, e 18 annos mais tarde, em 1784, estava esse fundo reduzido a 16.000 xerafins. De tantas capellanias instituidas no decurso dos seculos 16 e 17 não se pode ter infelizmente uma relação completa.

De um multifado livro da Misericordia, intitulado: = *Demonstrador das Capellas de Miz.ª feita em Junho do tempo do Ir. Thezr.º Antonio Roiz do anno de 1764* = ainda podemos concluir que existiam em 1764 as seguintes:

Capella do R. P. Ruiz Glz. da Silva no valor de.....	18.537:0:35
Capella de Lourenço Barbosa...	500:0:00
» » Antonio Roiz.....	416:0:00
» » Magdallena da Costa	475:0.00
» » João Mor.ª de Misquita.....	3.068:0:26

Este dinheiro estava dado a juros a varios banianes e christãos de Diu e as rentas nem sempre eram boas. As fianças da Misericordia foram decahindo, e em 1818 só existiam duas instituições de capellas, a de Ruiz Gonçalves da Silva e de André Dias no valor de 8.000 xerafins dados a juros aos padres Capuchos e aos do convento de S. João de Deus. Este resto foi tambem mal administrado e ficou reduzida a 1.100 xerafins que em 1835, ao extinguir-se as ordens religiosas de Diu, não foi possivel cobrar. Assim se extinguiram as instituições das capellas da misericordia de Diu nos começos do seculo 19.

Tinha ainda a Misericordia outros fundos: bens de raiz o auxilio dos cofres publicos como continuação de antigas graças régias.

Os primeiros eram 30 xerafins annuaes que a Misericordia recebia do foreiro da horta = *Metavery* =, e que pesavam sobre uns *chãos* da mesma propriedade denominados = *Podiavary* =. Esta pensão variou de valor como adiante dizemos e hoje cobra a Misericordia 12:08:00 d'esses terrenos.

A Fazenda auxiliava a Misericordia concorrendo para a sustentação das suas recolhidas, em virtude da esmola mandada dar por Sua Majestade (?) de Sua Real Fazenda, na quantia de 14 candis de mantimentos. Este donativo era anterior a 1633, mas não ha aqui documento comprovativo da sua origem.

Por contracto feito em 31 de dezembro de 1633 (1) entre a Misericordia e o Vedor da Fazenda = Visitador das Fortalezas do Norte =, approvado por provisão de 19 de outubro de 1695, foi alterado o subsidio alimenticio da fazenda publica por um auxilio pecuniario de 1200 xerafins mamudes (2) e mais 120 xerafins de Diu. Mais tarde foi este subsidio unificado em uma unica especie de moeda, percebendo a Misericordia 3120 xerafins de Diu por anno.

D'esta quantia ficavam annualmente sobras que a mesa escripturava como receita da sua conta. Até 1836 *pagou a fazenda regularmente* o subsidio e n'esse anno (3) não entregou essa importancia em vista dos apuros em que estavam as finanças de Diu. Só mais tarde, em 1841 voltou a Fazenda a subsidiar a Misericordia pagando mensalmente as folhas de despeza com a sustentação das recolhidas. Este subsidio oscillava entre 1.500 e 1.600 xerafins annualmente.

Em 1535 o Perfeito Peres pedio ao então governador de Diu, o brigadeiro Francisco de Mello Gama e Araujo, um soccorro monetario para os apresios da expedição que preparava em Damão contra Goa. (4) Não pôde o governador obter por emprestimo esse dinheiro e então obrigou a Misericordia a emprestar 5.000 xerafins, visto só ter 10.000 em cofre e estar já a gastar do seu capital. Com esta quantia conseguiu Araujo prefazer 37.362 xerafins que foi quanto mandou para Damão, ao Perfeito.

---

(1) Cuja cópia existe nos Livros da antiga Feitoria de Diu.

(2) Sobre o valor do xerafins mamude vej. «O Chronista de Tissuary» n.os 28 e 29 de 1868.

(3) Estava Diu separada de Goa conservando-se, com Damão, fiel ao Perfeito Peres.

(4) São interessantes os documentos que a este respeito se trocaram e que bem attestam a funda anarchia administrativa em que a India então se debatia.

A fazenda deixou n'esse anno de subsidiar a Misericordia, esta considerava-se credora d'aquella, as contas anulavam em um calos lastimoso, até que em 1841 começou a receber o auxilio que já mencionámos e em 1848 o governador geral Ferreira Pestana, em vista das successivas informações dos governadores de Diu, Macedo e Coulo e Corrêa Lacerda publicou a portaria n.º 398 de 12 de outubro, (1) regularisando officialmente a situação financeira da Misericordia de Diu e consignando uteis e salutares disposições com relação aos fins a que essa instituição fôra creada. Reconheceu-se o credito da Misericordia á quantia de 5.000 xerafins emprestadas em 1835, marcando-se o juro de 5%, e a de 864 xerafins da dádiva real em que já fallamos, convertida em moeda de Goa, o que tudo prefazia a somma de 1114 xerafins annuaes; determinou-se que o adjuncto de Diu pagasse por folhas os subsidios ás recolhidas, no limite d'essa importancia, que d'ella saluisse o pagamento dos medicamentos gastos no recolhimento da Misericordia; que parasse com o subsidio ás recolhidas que não sendo decrepitas ou creanças se negassem a prestar serviços compativeis com as suas forças e condições etc.

Foi este o mais importante documento moderno publicado ácerca d'esta Misericordia e redigido com perfeito conhecimento do meio em que esse estabelecimento exerce a sua acção.

Tres annos depois appareceu a portaria provincial n.º 186 de 14 de maio de 1851, (2) do Barão da Villa Nova d'Ourem, mandando pagar em duodecimos a prestação de 1.114 xerafins; ordenando que nos livros do adjunto se aclarasse que os foros que a Misericordia pagava á fazenda eram pelos *chãos* de Podiavary na horta de Melavary, e não pelos fôros de Botiras e suas pertenças como se faziam inscrever até então. Mais se determinou que tendo-se ordenado em setembro de 1821 que a escripturação se fizesse em moeda forte, esses fôros deveriam ter baixado de 18:02:03, em moeda fraca, a 14:04:00 de moeda forte o que se não fizéra, em prejuizo da Misericordia e que portanto o adjunto liquidasse essa differença a favor d'essa instituição a partir de 1821.

A meza da Misericordia era eleita annualmente de entre os irmãos da respectiva associação até que em 1859 não se tendo procedido a essa eleição, propoz o governador de Diu,

(1) Bol. Off. n.º 48 de 1848.
(2) Bol. n.º 21.

Romão de Sousa, uma commissão administrativa para a gerencia dos negocios da Misericordia de Diu, o que foi approvado pelo Governo Geral em portaria n.º 81 de 30 de junho d'esse anno. (1)

N'esse mesmo anno publicava-se a portaria provincial n.º 148 de 17 de outubro de 1859, em que se fazia a centralisação dos cofres das differentes confrarias de cada freguezia em Goa, com uma unica meza administrativa de nomeação do governo, em vez de ser eleição entre os irmãos e confrades. O Governador Geral, ouvido o de Diu, ordenou que esta portaria tivesse applicação para Diu tambem, o que se fez em portaria provincial n.º 12 do 16 de janeiro de 1861. (2)

Em 3 de junho de 1861 publicava-se a portaria n.º 93 (3) nomeando a 1.ª Meza administrativa das confrarias reunidas de Diu. Data de então o regime actual em que vive a misericordia de Diu tendo, por assim dizer, perdido a sua autonomia administrativa.

Aqui temos, a traços largos, a evolução porque passou este estabelecimento pio, o primeiro de que ha noticia aqui. Ha 361 annos que elle vem soccorrendo viuvas de portuguezes aqui fallecidos, tem sido o amparo dos seus orphãos durante a creancice, tem soccorrido a mendicidade christã de Diu. Extincta a ultima familia europea em Diu, para a Misericordia recolhiam-se as viuvas dos seus descendentes; era pela Misericordia que lhes abonavam as *praças de obra pias* (4) que ellas continuadamente requeriam aos Vice Reis por intermedio dos Castellões e Governadores de Diu. Cada *praça* era de 6 pardáus mensaes e familias descendentes de nomes conhecidos em Portugal recebiam de esmola 2 e 3 *praças pias*, com ou sem recolhimento na Misericordia, ainda no primeiro quartel do seculo 19.

Depois começaram a ser subsidiadas só as naturaes de Diu, pela completa extincção dos europeus e seus descendentes. A diminuição no total da população christã do districto reflectia-se na diminuição das pensionadas da Misericordia; não na razão directa, mas com um coefficiente de correcção, correspondente ao augmento da indigencia entre os christãos. Em 1840, por exemplo, sustentava a Misericor-

(1) Bol. n.º 52.
(2) Bol n.º 7.
(3) Bol n.º 48.
(4) M. J. Loureiro — Memorias dos Estabelecimentos portuguezes a leste do Cabo da Boa Esperança

dia de Diu 23 pessoas, das quaes 13 eram recolhidas e d'estas 6 menores. Hoje tem 15 recolhidas de que adeante fallaremos.

Não se sabe desde quando a Misericordia sustenta um asylo ou Recolhimento, mas parece que logo que se mudou o seu edificio para fóra do Castello (1) se lhe deu o Convento de Sant'Anna na Praça aonde hoje funcciona o =Recolhimento de Sant'Anna= da Santa Casa da Misericordia de Diu. Em um velho livro do archivo das confrarias se menciona uma despeza de 2.141:0:37 com *as procionistas do recolhimento da Snra. Santa Anna e mais visitadas de fora orphans v.ras pobres officiaes e serventes da casa em arroz bagery e dinh.*° durante o anno economico de 1762-63. Portanto já então o recolhimento existia no local do hoje.

Este recolhimento tem merecido a desvelada attenção de varios governadores de Diu que teem querido dar-lhe uma feição mais pratica e utilitaria, entre elles o snr. Chaves de Aguiar e o fallecido coronel snr. Kuchembuck Villar. Ambos apresentaram ao governo geral planos de reforma e o ultimo um projecto d'estatutos do =Asylo de Sant'Anna= que foi approvado pelo governo geral, por portaria n.° 585 de 6 de setembro de 1894. (2)

Estes estatutos infelizmente, nunca entraram em execução, por falta de verba de receita nos fundos da Misericordia, e por isso propozemos a creação d'um loteria local, com o fim de se levar a effeito esse plano de reforma radical, e que recentemente acaba de ser approvado pelo governo da metropole. Assim como o Recolhimento hoje funcciona é contrario a todos os principios educativos e só concorre para a immoralidade e inepcia futura das educandas, recolhidas ou subsidiadas.

A Misericordia hoje sustenta no seu recolhimento, que melhor se lhe chamaria asylo, 15 recolhidas, como dissemos, e assim classificadas:

1 Regente, 1 escula, 9 recolhidas *subsidiadas*, 1 porteira, 1 servente e 2 recolhidas *voluntarias*. O numero permittido pelos estatutos da santa casa da misericordia de Diu, approvado por portaria provincial n.° 26 de 10 de janeiro de 1891, (3) é de 11 recolhidas subsidiadas e de 9 voluntarias.

(1) O edificio da Misericordia do Castello acabou de vir abaixo no inverno de 1825.

(2) Bol.° n.os 114 e 119.

(3) Bol. n.° 4.

As primeiras recebem 4:01:00 mensaes, excepto a regente que vence 6:09:00 e a escuta que tem 5:00 00. A porteira tem o subsidio de 3:08:03 e a servente 2:00:06.

Com o subsidio mensal de 4:01:00 calcule-se o passadio que a pobre recolhida leva, sem regimen de internata e com uma educação litteraria quasi nulla. Com 1625 réis mensaes para comer, vestir e calçar se conclue facilmente a triste forma como uma miseria pretende enganar outra e que uma completa alteração d'este estado de cousas se impõe, sem mais delongas.

O fundo amovivel da Misericordia é de 3.116:3:5; sendo 24:08:09 dinheiro em cofre e 3.091:10:08 empregado a juros sobre hypotheca de bens de raiz.

A receita actual é de 895:6:6 sendo: 172:1:4 de juros do capital mutuado, 520:1:00 contribuição que a fazenda paga actualmente á Misericordia, 120:00:00 de subsidio com que concorre a confraria de N. S. do Rozario de Diu e outras pequenas receitas variaveis.

A despesa absorve a receita, sendo a verba principal o subsidio ás recolhidas e serventes na importancia total de 644:01:00.

A este gráu de pobreza chegou uma instituição que, como a terra em que foi fundada, teve tão risonho começo.

*
* *

Antigamente foram multiplices as funcções da Misericordia de Diu, não se limitando só ao piedoso exercicio das obras de misericordia e suas congeneres. Chegou a fazer a policia da antiga cidade de Diu e foi a primeira corporação electiva, com acção administrativa, que aqui houve. Por ser interessante o assumpto n'elle fallaremos tambem, antes de concluir este artigo.

Já em 1616 o Vice-Rei D. Joronymo de Azevedo dizia para Lisboa a El-Rei, que o provedor da Misericordia de Diu era sempre homem tirado dos *mais bem afamados da terra* e por isso fui elle nomeado para ser um dos 3 clavicularios que arrecadavam o rendimento de 1¼% para as obras das fortificações, e administravam esse fundo. Mas o mais curioso é saber-se que dos irmãos da Misericordia sahiram os primeiros vereadores de Diu.

Como se sabe, Diu foi elevada á cathegoria de cidade (1) com os privilegios da de Evora por Ordem Régia de 1603; (2) mas pouco depois foi este honorifico titulo retirado por alvará regio de 7 de março de 1615. Parece, porém, que se continuou a chamar *cidade* á Praça e isto se nota em muitos documentos officiaes dos seculos 18 e 19 que se datavam com a designação de *Praça e Cidade de Diu* ou *Cidade e Praça de Diu.*

Tambem em documentos officiaes lemos lido que por um privilegio real, do que se não menciona nem a data nem o nome do monarcha que o concedeu, foi permittido que a Casa da Misericordia de Diu *assumisse as funcções do Senado fazendo as suas vezes.* Uma provisão da Junta de Fazenda Publica de Goa de 22 de maio de 1823, trazida ao Adjunto de Diu por Antonio José Maria e José Agostinho de Sousa, escripturarios da Contadoria geral de Gôa, e *fiscaes encarregados para tomarem conhecimento do thezouro Publico d'esta Praça e das mais do Norte e de todas dependencias, tendentes ao mais com voto no Adjunto,* (3) ratifica essa regia permissão.

O Vice-Rei D. Manoel de Portugal e Castro, quando ainda com o titulo de Governador Geral, em 1827, mostrou-se admirado (4) de ter recebido os cumprimentos da chegada mandados pelo *Senado da Camara de Diu*, sem aqui haver cidade e remette uma copia da Carta régia de 1615 a qual mandou entrar em execução.

Desde então se extinguiu de vez a designação de *Senado da Camara de Diu*, e por permissão de D. Manoel ficou admittida a continuação do costume da Santa Casa da Misericordia de Diu nomear *almotaceis.* O costume, a seguir á carta regia de 1615, era o seguinte: os irmãos da Santa Casa elegiam annualmente uma Commissão de *Administração de Policia*, os seus membros *almotaceis* faziam a vigilancia da limpeza da Praça, fiscalisação dos generos dos mercados e lojas de viveres, policia sanitaria, etc. Era, pois, uma verdadeira vereação de um moderno municipio.

Essa commissão de almotaceis era composta de dois membros, eleitos para servirem tres mezes em cada anno, com o

(1) Gabinete litterario das Fontainhas Vol. 3.º Liv. da Corresp. do gov. de Diu de 1828 — Arch. Secr.ª do gov.

Registo de Alvarás, Provisão etc. Arch. do extincto Adjunto (Feitoria de Diu)

(2) Não existe aqui copia nem original de tal documento.

(3) Arch da Sec. de Diu — Liv.º de 1823-1830, corr. para Gôa.

(4) Ibid. Corr. de Gôa para Diu, de 1822-1830.

nome de *juizes almotaceis*; a um se confiava o pelouro da limpeza e ao outro o dos bazares e aferição dos pezos e medidas. As multas e emolumentos davam entrada em um cofre especial, que existia na Misericordia, com administração propria e que se denominava *cofre da policia*.

Quando se elegeu a primeira camara municipal de Diu, em 1835, esse cofre passou para a nova corporação, confiado ao respectivo thesoureiro.

Havia na Misericordia uns livros especiaes de matricula dos almotaceis. Perderam-se ou queimaram-se como tantos outros! Conseguimos ver um, (1) já muito mutilado e roto pela traça, é curiosissimo, e diz assim:

Livro onde se Matriculão
os Almotaceis da Fortaleza
que são eleitos pela Meza
da S.ª Caza ... .zericordia
que faz vezes de Senado
na d.ª.....
Feito
por ordem da Meza no
anno.....

O termo de abertura menciona 17 (dezasete) meias folhas de papel e tem a data de 18 do agosto de 1784, mas o livro só tem hoje 16 e a ultima, que devia conter o termo de encerramento, só deixou um pequeno pedaço do canto inferior.

A primeira eleição foi feita (no prazo de tempo de que o livro em questão se occupa) em 10 de julho de 1784 e sairam eleitos os irmãos Jose Onofre de Canto e Castro e Bernardo José de Menezes, para servirem os mezes de julho, agosto e setembro.

O primeiro satisfez as suas obrigações e o segundo *satisfez ut.º mal as suas obrigações e com prejuizo publico* como rezam os finaes dos respectivos assentos.

Para servirem esses cargos durante os mezes de abril, maio e junho de 1785 foram eleitos, em Meza de 8 de julho de 1784, os irmãos Simão Lizardo e João José de Melto, mas este

por ser Mouro resolveu a
Meza q̃ não tivesse effeito
a sua eleição e dela fi
con escuso

(1) Unico que resta no arch. das confrarias, avulso entre papeis desclassificados.

como indica uma observação á margem do registo da sua eleição e mais adeante a seguinte declaração dos mezarios, com rubricas cuidadosamente acabadas em primores de rabiscos:

O Irm. João Je. de Mello
não teve effeito a sua elei-
ção da Meza pr. ser
de nação infecta e não
poder ser cargo da Meza
nem n'ella poder servir.
Em Meza 21 de 7bro
de 1784.

O tal João de Mello era, pois, um christão novo de Diu, que podia ser irmão da Misericordia, para exercer as suas pias obras; mas trezandava a sectario de Mafoma, logo que a sorte o quiz habilitar a ser *almotacé*; a elle, o descendente de algum arrenegado *rume* de Gogolá.!

Em 1817 houve almotacés que serviram menos de tres mezes e de 1818 em deante se elegia um unico almotacé com o nome de *Juiz almotacé*, umas vezes por um mez e outras por um trimestre.

A ultima eleição mencionada no citado livro é de 28 de março de 1828.

O Senado do Diu foi extincto em 1615 pelas successivas e ardilosas reclamações dos banianes e gentios de Diu que se revoltavam contra as posturas que o municipio impunha especialmente relativas ás disposições de hygiene publica, á qual são arreigadamente avessos.

*
* *

Com a citação d'esta interessante duplicidade da Misericordia de Diu, estabelecimento de beneficencia e municipio, terminamos este artigo. E' um modesto subsidio com que Diu concorre para essa Revista que vem preencher uma lacuna importantissima no estudo dos nossos formosos, e quasi obliterados hoje, monumentos da historia da India.

Tanto como o mais enthusiasta dos seus collaboradores, lhe desejamos uma vida prospera e longa e que do muito e muito bom que se está a perder nos poeirentos e semi-abandonados archivos, seja a Revista fiel, carinhoso e benevolo repositorio.

Diu, 8 de dezembro de 1903.

J. Herculano de Moura.

PORTUGAL PERANTE O MUNDO MODERNO

Talvez não seja bem de molde ao caracter d'esta revista, o assumpto designado pela epigraphe acima, todavia, saudar o paiz navegador por excellencia, e mais do que isso, prestar-lhe justiça por occasião de vir á luz da publicidade o primeiro numero do *Oriente Portuguez*, julgamos ser um dever conforme ao ideal da commissão archeologica de Goa, a que temos a honra de pertencer.

Dos escombros da Edade Media, havia surgido um povo, minuscula nacionalidade no extremo occidental da peninsula Iberica. Celtibero de origem, herdara dos godos o valor, nobreza e crença ingenua, e dos arabes a poesia com o seu myto de sonhos e sentimentalismo.

Nascido e educado entre o fragor de incessantes guerras, firma a sua independencia e risca os seus limites continentaes no dia de Aljubarrota.

Alvorecia a Renascença; os cavalleiros portuguezes descançavam os seus montantes, uns por velhice, outros por falta de correrias. O sarraceno fugira para lá do Calpe; regressára aos seus aduares na costa africana.

O sol da independencia, esse bello sol de Portugal, que lhe doura as colinas, aquece as varzeas, amornece as florestas e tisna os pincaros graniticos das suas serranias, convidava ao amanho de um solo abençoado, á sombra da paz ganha á custa de tanto sacrificio. Mas, qual mancebo de sangue ardente, que lhe escalda a cabeça devorada de sonhos ambiciosos, assim o novel Portugal scismando sobre o limpido crystal das aguas do seu Tejo, architectava sonhos de engrandecimento e de gloria, á custa d'essa

Africa portentosa, onde a lenda collocava um Preste João, e d'esse mar sem dono, deserto e mysterioso que se estendia a seus pés até! ... Onde? As lendas não o diziam, apenas contavam que o mundo acabava no *Mar Tenebroso, desfeito em vapores e lodo liquido.* Era então o desconhecido que cumpria descobrir?

Iria ao desconhecido.

Carthago dominára a bacia do Mediterraneo e as praias da peninsula Hespanica; as suas frotas sahiam as columnas de Hercules e percorriam os mares e costas occidentaes· Portugal tinha sangue punico.

Roma governara o mundo então conhecido: Portugal tinha sangue romano.

Os *Northmans*, havendo descido da fria Scandinavia em procura dos paizes quentes inundaram o imperio romano: Portugal tinha sangue dos godos.

Os Arabes vindos dos confins do Yemen alastraram-se pela Africa septentrional e Europa meridional; viveram sete seculos nas Hespanhas: Portugal tinha sangue arabe.

Possuidor pois, em toda a sua pureza dos dotes sublimes da raça ariana: *nobreza, enthusiasmo, heroismo, paixão pela guerra, amor do desconhecido*, poetisados pelo sentimento cavalheiresco do arabe; entrando na adolescencia da sua vida como nação, não lhe seria então possivel preferir o arado á espada, o labor pacifico dos campos ás aventuras do mar e gloria das conquistas.

Todos sonhavam assim. O povo pela sua ingenuidade, fé religiosa e lealdade ao seu rei; a nobreza pelo espirito de cavallaria exaltado com as novellas do Rei Arthur ou da Tavola Redonda. Até ao proprio monarcha, apesar de velho, não desagradava a conquista de Africa.

Estes sentimentos ficariam porém localisados, perdidos e sem effeito pratico, se, como succede em todas as revoluções sociaes, não apparecesse um sentimento superior, que os concretisasse; um cerebro que lhes désse vida, um genio que os guiasse. Esse sentimento, esse cerebro, esse genio, foi o infante D. Henrique.

Principe estudioso, forte, trabalhador, dado ás mathematicas e geographia do tempo, deixára-se subjugar pelo ideal das descobertas. Conhecer o contorno d'esse continente africano apenas esboçado em seus rudimentos nos mappas d'então; entrar nos seus portos, enseadas e rios, desde o occidente até o oriente; chegar á India, paiz das maravilhas, e sobre tudo isto um imperio em Marrocos,

como era um sonho bello para um mancebo de 24 annos, filho de reis e principe de um povo heroico.

Dotado da centelha do genio — «caracter peninsular, voluntarioso, affirmativo, duro, terminante, abstemio, pratico em tudo: na acção energica, no mysticismo ardente, na habilidade artistica» — como diz Oliv. Martins, o infante D. Henrique personificava a alma portugueza, e porisso esta, quando se propoz a conquista de Ceuta, manifestou-se unanime, sem trepidar.

Lisboa e Porto despojavam-se das suas alfaias e eram como que duas enormes officinas em activo movimento; os caminhos andavam pejados de tropas que se dirigiam para aquellas duas cidades: eram os besteiros do rei, as mesnadas dos ricos homens e as levas dos concelhos. Todo o paiz acordara de um extremo ao outro em um fremito de enthusiasmo.

O velho condestavel applaudira a empreza ajoelhando aos pés do rei e beijando-lhe as mãos (1). Os antigos companheiros d'armas em Aljubarrota vestiam as suas usadas cotas e desprendiam da parede os montantes. Os mancebos almejavam pela honra de serem armados cavalleiros.

Até a rainha moribunda, rodeada dos filhos, profetisava á hora da morte:

— «Que vento corre?

— Aguião do Norte.

— Bom seria para a vossa viagem...

— Eu esperava assistir á façanha...

— Vel-a-heis.

— Não ... Sim ... Lá do alto a verei ... A minha morte não vos estorvará a partida. *N'uma semana, pela festa de Santiago* ...» (2).

Exalara o ultimo suspiro.

*

* *

No dia 23 de julho de 1415, de manhã, descia as aguas do Tejo uma esquadra de 27 galés triremas, 32 biremas, 63 navios redondos de transporte e 120 embarcações diversas,

(1) Oliv. Martins. Os Filhos de D. João I.
(2) Idem.

levando 20.000 combatentes e 30 mil remadores e marinheiros.

A 21 do mez seguinte conquistava-se Ceuta.

Estava vingada Guadalete e a Cruz de Christo. Para nós portuguezes abria-se o cyclo da maior das epopeias historicas.

O condado de *Portucale* ia em breve transformar-se em um poderoso imperio pelas descobertas, conquistas e colonisação.

Portugal navegador e conquistador

Em 1418, tres annos depois de Ceuta, instalava o infante a sua escola e fortaleza de Sagres. Alli chamara os mathematicos e geographos de maior fama. Alli reunira todos os elementos da nautica da epoca. Alli fundeavam esses varineis, barcos e caravellas, quaes gaivotas de pandas azas, promptas a arrojar-se atravez da immensidade dos mares, rasgando-lhes as aguas, bolinando agora, logo á feição dos ventos, impotentes muitas vezes contra a violencia das correntes ainda desconhecidas.

Com as linhas de agua á ré e avante muito delgadas, com 8 a 12 metros de comprido, 3 de bocca e 1,5 metros de pontal (1); a proa direita ou recurvada em forma de meia lua, as *barcas* e *varineis* foram as primeiras embarcações em que se aventuraram os argonautas de Sagres.

Com um mastro só, ou dois em longas viagens, velas e remos, eram inferiores aos actuaes patamarins. N'elles ia porem a fé christã de mãos dadas com o mysticismo celta.

N'este mesmo anno a primeira expedição ao sul d'Africa, desviada pelas correntes, mette para oeste e descobre Porto Santo. Pouco depois segunda expedição descobre a Madeira.

Outras se succedem, embora interrompidas pelo ardor das conquistas terrestres. A desgraça de Tanger paralisa estas por muito tempo, e lança o infante absolutamente no caminho d'aquellas.

Em 1434 dobra Gil Eannes o Cabo Bojador. Em 1439

(1) João Bras d'Oliveira, capitão tenente d'armada, conferencia em 1894.

entra-se no porto do Cavalleiro, donde se trazem as premicias do ouro e escravos.

Estava demonstrado o lado pratico das descobertas até ahi estereis. A vida nacional transformava-se; todos se inclinavam ás emprezas maritimas; tudo affluia á bahia de Lagos. Começava a febre do resgate do ouro e dos escravos. Já não se procurava apenas navegar e descobrir, mas tambem colher os fructos materiaes.

Para isso, varineis e barcas não serviam, eram pequenos. Necessitava-se de outras embarcações.

Navios bojudos de avante, de dois a quatro mastros; 50 a 150 toneladas; uma coberta de 7^{m} d'alto; convez corrido e dois pavimentos á popa armada em castello e respectivo chapiteu; velas triangulares, escaler á ré, costado reforçado com cintadas (1), as *caravellas*, foram o novo tipo de embarcação adoptada.

De fraca velocidade, mas solidas coube-lhes continuar a missão gloriosa encetada pelas barcas. A fé ardente e o mysticismo puro dos primeiros argonautas iam já mesclados pela cubiça dos novos commerciantes. Era natural. O que tinham feito, a opulenta Tyro? Carthago? Roma? O que fazia Veneza? O que fizeram depois de nós os hollandezes e os inglezes? O que se faz ainda hoje? Só nós deviamos ser os ideaes? As mães davam os seus filhos, estes o seu braço, o seu sangue e a propria vida em prol de uma empreza a principio apenas subjectiva, tendo como lemma unico a cruz de Christo. Mas depois reconheceu-se que o Mar Tenebroso não existia, e que em vez de um pelago insondavel, coalhado de monstros e envolvido em trevas das lendas, apparecia um continente grande, rico, povoado, cada vez a estender-se mais e mais para o sul.

Veio pois naturalmente o desejo da recompensa, a ambição da riqueza, a sede do ouro da Mina.

*
* *

Lançarote, Gil Eannes, Estevam Affonso, Rodrigo Alvares, João Bernardes e João Dias, cada um com uma caravella partiram da bahia de Lagos e passando além do Cabo Branco, descobrem Arguim (1445).

(1) J. Bras d'Oliveira, capitão tenente. Idem.

Em 1447, nova frota se prepara.

Composta de 26 velas, foi organisada por um syndicato do Algarve composto das pessoas mais importantes.

Lagos fazia n'essa epoca o que mais tarde fizeram as cidades de Amsterdam e Londres, com as suas celebres companhias. Em 1448 entrava a frota no golfo de Arguim e lançava os fundamentos do primeiro forte ou feitoria militar.

Em 1454 descobria-se Cabo Verde; em 63 a Serra Leoa; em 69 cabo das Palmas e S. Jorge da Mina e em 1484, o rio Zaire e o reino do Congo.

Tinha-se pois torneado o grande cotovello da Africa. Tinha-se arrancado um mundo ás brumas do mar desconhecido.

O infante morreu em 1460.

Um longo periodo de 26 annos ia decorrer, até que de novo se continuasse no fervor das descobertas. O reino do Preste João não apparecia; do mysterioso Oriente nem o mais leve symptoma, e já lá ia meio seculo de viagens, e apenas se colhera algum ouro e escravos da costa da Mina.

O sentimento nacional esfriava. Começou a duvidar-se, e a duvida dera ensejo ao particularismo da opinião.

Falhava já a collectividade de pensamento, tão necessaria para o exito das grandes emprezas.

Um rei, ultimo rebento da cavallaria medieval, emprehende, levado mais por inclinação pessoal do que obedecendo a um plano, as conquistas do norte de Africa. Mas um outro rei, fino politico, identificando-se com o pensamento do fallecido infante, mais por politica do que por vocação, reatou o elo das navegações gloriosas, impondo-lhe de novo o caracter nacional.

*

* *

Grandes progressos havia adquirido a arte de navegar. O astrolabio, a bussula aperfeiçoada, as cartas planas, a organisação das derrotas e monções e a applicação a bordo, da artilheria, permittiam sahir-se dos meios acanhados da epoca, e dar larga iniciativa ás construcções navaes.

Uma caravella em ponto grande com os castellos á popa e proa, costado reforçado com cintadas; duas cobertas, a

superior constituindo á proa o pavimento do castello, á ré a tolda do capitão e cobrindo a alcaçova das bombardeiras; a inferior, corrida de ré á vante, abrigando o porão da carga, os toneis da aguada, os paioes dos mantimentos, dos cabos, do panno, da polvora e artificios de fogo; tres mastros: o de traquete no castello, o grande no meio com cestos de gavea, e no chapiteu o de mezena; velas redondas e latinas com a cruz de Christo (1); artilheria grossa nas amuradas e a miuda nos castellos, tal era a *nau* de guerra e de carga.

*
* *

Corria o anno de 1497, nova azafama nos rusticos estaleiros das praias de Belém, attrahia as attenções dos habitantes de Lisboa. Presidia ás construcções o afamado piloto Bartholomeu Dias que em 1486 dobrara pela vez primeira o cabo das Tormentas. O monarcha visitava a miudo os trabalhos.

Todos estes cuidados eram para quatro pequenas naus de 100 a 200 toneladas, em cuja construcção se recommendou a maior solidez e bem acabado, e as quaes no fim de junho eram lançadas á agua em frente do Rastello.

No dia 8 de julho sahia a barra esta nova expedição em demanda ainda do desconhecido.

Pero da Covilhã escrevera do Cairo, que, pelo sul da Africa, para as bandas de Leste, ficava a India maravilhosa.

O rei mandava descobrir esse caminho.

Entre 19 de novembro e fins de dezembro, depois que haviam largado do Rastello, o mar apparecia revolto, as correntes traiçoeiras; tempestades de vento, de chuvas e nevoeiros; a costa brava ao longe; estava-se no verdadeiro mar Tenebroso da lenda. As curtas naus, ora com as *posticas debaixo d'agua*, ora suspensas sobre as vagas, para de subito se precipitarem no abismo, pareciam aves aquaticas perdidas na immensidade. O mar varrendo os paineis de pôpa de envolta com os retabulos sagrados dos castellos (2), espalhava o terror supresticioso na alma

(1) J. Bras d'Oliveira, capitão tenente d'armada. Idem.
(2) Oliv. Martins. Idem.

simples dos marinheiros. Valeu a energia rude do capitão-mór. Arremessou ao mar as taboas de marear, e depois ... ou voltar sem rumo aós perigos passados ou proseguir ávante.

Em 19 de maio de 1498 aportavam finalmente á India.

—«Terra! Terra!» Era Calicut na costa do Malabar, com todas as maravilhas do Oriente. Oitenta annos, quasi um seculo de lucta com a natureza! Que prazer o d'estes modernos argonautas! Na sua fé ingenua abraçavam os gentios julgando-os christãos; adoravam Gauri, imaginando a Virgem, diz Oliveira Martins. Confundiam com elles as suas alegrias.

—«Al Diablo que te doy! Quien te trouxe cá?» Isto dizia um mouro de Tunis a um dos portuguezes que desembarcavam.

O mouro, sempre o mouro no nosso caminho! Na Peninsula, na Berberia, na costa da Mina, em Mombassa e agora na India!

Os turcomanos, arabes, abyssinios e os afghans, convertidos ao islamismo e conhecidos, entre nós pelo nome generico de *mouros*, descendo das costas d'Africa, da Arabia, e do norte da Asia, imperavam no Indostão até o Ganges e monopolisavam o commercio nos pontos mais remotos de Pegú Malaca, Sião e Ilhas da Sonda.

Nosso rival secular, teriamos de o submetter, para que o sonho de Portugal do seculo xv não se ficasse em mera aventura. D'ahi resultou a necessidade da lucta entre o invasor e o invadido, depois a ideia da conquista, e por ultimo o imperialismo e a intransigencia que nos arrastaram á ruina, como succedera á antiga Roma.

*
* *

Não terminaram porém aqui as descobertas. Em 1500 Pedro Alvares Cabral, desvia-se do seu rumo da India, aporta a Oeste e descobre o Brazil. Em 1506 apparece Madagascar ou a ilha da Lua; em 1512 as Molucas, em 16 a China; em 19 Fernão de Magalhães penetra directamente no Pacifico, aporta ás Filippinas e descreve a volta ao mundo; em 1601, finalmente, Heredia chega á Australia.

Todo um mundo patenteado a Europa por um dos seus mais pequenos povos que, sem olhar para tráz, se interna no desconhecido, abrindo vias maritimas, estudando as correntes, fixando as monções, torneando os continentes, devassando as bahias, entrando e sondando os rios, navegando os estreitos, percorrendo os archipelagos, levantando plantas e completando as cartas de geographia e cosmographia.

Mas a par da descoberta, e como consequencia d'esta, caminhava a conquista.

A Ceuta (1415), seguiu-se Alacer (1458), Arzilla e Tanger (1471) e toda a Berberia; Sofala (1506), Socotorá e Ormuz (1507), Goa (1510), Malaca (1511), Molucas (1512), Ceylão (1518) e Mombassa (1529).

Assim, Portugal dominou durante dois seculos e meio (1418-1656), pelas suas descobertas e victorias; pelas suas armas e esquadras; pelos seus viajantes e religião, no Oceano atlantico e no mar das Indias; no Novo Mundo e nas Costas de Africa; nas da Arabia desde Orfação até o golfo Persa; no Indostão até o Ganges; nas praias do Arakam, do Pegú até Malaca, e nas ilhas de Sonda no extremo Oriente. E a sua influencia, estudos e explorações chegam aos pampas da America, aos stepes da Tartaria, ao coracão da China, ao Tonkin, á Cochinchina.

Na Abyssinia, junto d'esse negus tão temido dos italianos, dirijem os portuguezes, nos seculos XV e XVI, obras de construcção e trabalhos hydraulicos que ainda hoje se vêem; e servindo-nos da phrase pitoresca de Pinheiro Chagas, repicavam os sinos das igrejas portuguezas em Nangasaki (Japão), em Pekim, no fundo do Thibet e junto ás fontes do Nilo, em Ispahan, e em Delhi, no Cambodge, na Cochinchina e no Pegú.

O que faziam as outras nações da Europa, pregoeiras orgulhosas da civilisação?

A França christianissima, depois de uma guerra de cem annos com a Inglaterra, a qual terminou em 1453, provoca as luctas civis com a nobreza, as luctas religiosas com os huguenotes, a guerra da Fronda (1648-53) e o despotismo de Luis 14.º (1651-1715).

O holocausto de Orleans victimando Joanna d'Arc (1431), Dreux (1562), Saint Denys (1507), Jarnac, a matança Saint Barthélémy (1572), marcam a via sangrenta d'esse periodo de quasi tres seculos.

A catholica Hespanha, á parte a gloria que lhe cabe

nas descobertas da America, deslumbrada pela ambição da monarchia universal, não satisfeita com assolar as campinas da Italia, da França e de Portugal, afoga em sangue toda a Flandres.

Pavia (1525), Inspruck (1551), Alcantara (1580), Rocroi (1643), Dunas (1657), Linhas d'Elvas (1659) e Montes-Claros (1665), são outras tantas etapes de uma lucta cruel contra a liberdade de consciencia e independencia dos povos.

A poderosa Alemanha, alimentando no seio a nova seita lutherana, provoca, á sombra da religião, e em seguida a porfiadas luctas civis, a guerra dos trinta annos, em que os homens mutuamente se degolam e fuzilam em *nome de Deus* e em *sua honra* e *gloria*. O turco bivacando ás portas de Vienna era poupado, mas em compensação, nos tratados, esmagava-se o christão por odio religioso.

Montanha Branca (1620), Leipzig (1631), Lutzen, Nordlingen (1634), Rocroi (1643), Friburgo e Lens (1648), são outros tantos lagos de sangue, *oasis* de uma civilisação que renascia.

A artistica Italia, dividida e fraccionada, debatia-se em luctas intestinas entre guelphos e gibelinos, para manter a supremacia theocratica, republicana e monarchica, desperdiçando as forças necessarias para repellir as invasões da França e da Hespanha.

A grande Russia, sahia então (1689) dos limbos da barbaria, mas não já virgem de porfiadas luctas internas e externas. O seu monarcha aprendia nos estaleiros da Hollanda e da Inglaterra e nas officinas da França os primeiros misteres da vida dos povos.

A verde Albion, em fim, depois de soccessivamente passar para os saxões, anglos, danos e normandos, entrou no caminho das luctas civis, lançou-se na guerra dos cem annos com a França, que terminou, para dar logar a outra não menos cruel, a chamada guerra das duas rosas, que no espaço de 33 annos, ceifou para cima de um milhão de vidas. Seguiu-se lhe a republica de *Cromwel*.

Saint-Alban (1455), Northampon (1460), Tauton, em que foi prohibido dar quartel ao inimigo, e em que durante dois dias a neve cobriu perto de 30 mil mortos e feridos; Bernet (1471) e o patibulo de Londres (1640), são os

marcos miliarios d'esta tragedia sanguinolenta que termina pela decapitação de um rei.

Tal era o viver das nações mais importantes da Renascença, que, absorvidas nos seus projectos de ambição e de sangue, só acordaram para a vida real, quando o heroico povo que vinha de descobrir e conquistar o mundo, lhes trouxe aos mercados as riquezas deslumbrantes do Oriente. Então ... *resolveram expolial-o.*

Em lucta corpo a corpo com o colosso de Castella, Portugal, o senhor do mundo, sentia os ataques traiçoeiros feitos á sua propriedade, e por mais de uma vez teve que repellir os flibusteiros na Bahia, Pernambuco, Angola e nas praças da India; e, quando terminado esse homerico duello de um quarto de seculo, pôde respirar sereno sobre o corpo do adversario vencido, volrando a cabeça, ainda se viu dono de um imperio, de um reino, das terras de Ophir, e do seu mais glorioso patrimonio na India.

E se entre as nações, como entre os homens, fosse possivel o espirito de justiça e a abstenção do egoismo, em vez de umas nos roubarem traiçoiramente, outras nos sonegarem a gloria das descobertas e outras nos esquecerem, unir-se-hiam todas n'uma *Santa Alliança*, para fazerem a apotheose universal de quem foi mais do que Roma.

Portugal colonisador

Nós, a geração de ha 30 annos, desde crianças vimos ouvindo dizer, que Portugal é um paiz que não sabe crear nacionalidades, que Portugal não tem capacidade colonidora; e todavia a nossa patria foi a que legou os primeiros e melhores exemplares de colonisação ultramarina. As demais nações não fizeram senão seguir-lhe as pisadas.

Habituados áquella voz constante da opinião leviana, ignorante ou malevola, raro procuramos desvendar as rasões que protestam contra; e, sem querermos dar-nos ao estudo dos escriptores sinceros ou ao trabalho de analysar a nossa historia colonial, vamos, na maioria, vivendo embalados n'essa descrença e indifferença criminosa, que mais criminosamente ainda transmittimos a nossos filhos, em risco de lhes obliterarmos por completo, o sancto amor

pela patria portugueza que foi a primeira entre as patrias europeias.

Como já dissemos, o periodo activo das descobertas principiara no primeiro quartel do seculo XV e estendera-se até o segundo do XVI.

Encontraram-se regiões povoadas e civilisadas, como as da costa oriental d'Africa, e as Indias; outras habitadas por tribus selvagens, a America e Costa Occidental d'Africa; outras finalmente onde reinava apenas o silencio das florestas, como os archipelagos dos Açores, Madeira, e restantes ilhas do Atlantico.

Como para colonisar é preciso dominar, e a arena que se nos offerecia era vastissima e variada, o nosso dominio tinha de exercer-se por differentes processos conformes ao estado e modo de ser de cada região. Assim, nas Indias, onde a civilisação oriental se manifestava em toda a sua pujança, em religião, artes, commercio, industria e riqueza, a colonisação propriamente dicta não podia ter logar, mas sim o dominio forte e effectivo quer nos mares, quer em terra, quer em ambos estes campos; o verdadeiro imperialismo de que usou a antiga Roma.

Povo pequeno, de fracos recursos e população, não deveriamos exercer o imperialismo duplo, como fizemos, o que nos esgotou as forças e levou á perda d'aquelle dominio, espantando-nos hoje de que o podessemos sustentar tanto tempo.

Os representantes dos dois systemas foram D. Francisco d'Almeida e Affonso de Albuquerque.

Aquelle propunha o dominio dos mares com pontos de apoio em terra; e o monopolio do commercio oriental pela concorrencia poderosa, fundada em tratados com os rajahs e sustentada por esquadras. Era o systema Carthaginez.

Albuquerque, ao contrario, pretendeu o imperio á Alexandre; o dominio em terra, impondo-se pelas armas, pelo vigor da raça, pela fusão de costumes, religiões, interesses, etc. Pretendeu crear uma nova patria portugueza no decantado Oriente. Ormuz, Goa e Malaca, eram os centros geradores d'essa futura patria Luso-Indiana. Fructificaram esses centros, surgiram outros mais tarde, como Ceylão, mas a tarefa era demasiada, os recursos naturaes, insufficientes, e a politica futura não comprehendendo, nem adoptando um dos dois planos, deixou de consolidar o dominio nascente, de forma que ao succederem-se novas invasões,

cedemos o logar, para cuidar da colonisação em que só tinhamos que luctar com a natureza.

Ainda assim, a acção de Portugal na Asia foi de tal ordem, que, poucos annos depois da conquista de Goa, esta cidade já não cabia no antigo recinto murado; e 110 annos mais tarde Pirard escrevia: «N'esta ilha (de Goa) os portuguezes têm fabricado uma mui bella cidade do mesmo nome da ilha, que tem quasi legua e meio de circuito, não contando os arrabaldes, e encerra quantidade de fortalezas, egrejas e casas fabricadas a modo de Europa, de muito boa pedra e cobertas de telha. Ha cento e dez annos quasi que os portuguezes se senhorearam d'esta ilha de Goa, e muitas vezes me espantei de como em tão poucos annos os portuguezes tem podido levantar tantos e tão soberbos edificios de egrejas, mosteiros, palacios, fortalezas e outros ao modo da Europa; e outrosim da boa ordem, regimento e policia que tem estabelecido e do poder que ahi tem adquirido, pois tudo alli se guarda e observa como se fôra na propria Lisboa».

Bardez e Salsete foram duas provincias ganhas á nossa religião, lingua, usos e costumes. O catholicismo, se hoje impera em muitos pontos da India, foi devido a nós. Enfim, em toda essa vasta peninsula onde actualmente tremula o leopardo inglez, não se encontra um só estado grande ou pequeno, nem trato colonial, que represente tão nitida e completamente a acção do povo que o formou, nem consubstancie tão profundamente os resultados de uma assimilação, lenta, suave, pratica e duradoura, como o nosso Estado de Goa. Em nenhum ponto do Guzerathe, do Dekan, do Mysore, de Madrasta, de Bengala e das Provincias Centraes, existe um rincão de terra, que recorde tão bem a saudosa patria no som dolente do sino do campanario d'aldeia. Subverta-se todo o Industão no cataclismo de futuras invasões e Goa só, continuará a personificar a patria portugueza, a menos que os seus habitantes não sejam destruidos do primeiro ao ultimo, arrasadas as suas casas, as suas egrejas, as suas cruzes e lavrada toda a sua terra.

*
* *

Nas numerosas ilhas do Atlantico, a acção colonisadora não se fez esperar. Em 1425, os archipelagos da Madeira

e Açores eram divididos em capitanias, 40 annos depois da descoberta, a Madeira contava quatro povoacões importantes punha em armas 800 homens, produzia grãos para alimento proprio e assucar que cem annos mais tarde chegou a pesar 4 mil toneladas (1).

Em 1490, S. Thomé era feita capitania. Trinta e dois annos depois já contava 60 engenhos que produziam 150 mil arrobas de assucar. Crearam-se as dioceses do Funchal, Cabo Verde e S. Thomé.

Sem aborigenes, estas ilhas encontradas desertas, atrahiam a actividade dos portuguezes, que, como é de suppor, applicaram o systema de colonisação mais naturalmente indicado pelas circumstancias: povoar com os elementos de casa; constituindo verdadeiras granjas ou herdades sob o regimen das doações feudaes e tutella do respectivo senhor.

Seguiram-se as terras de Santa Cruz. N'estas, o systema foi mixto. O colono ao mesmo tempo que arroteava a floresta ou os pampas, tinha que se defender do indio levado deante do alvião.

Descoberto em 1500, o Brasil, em 1535 era dividido em doze capitanias, cujos donatarios tinham poderes soberanos, excepto o de cunhar moeda (2).

Medidas justas de economia social favoreceram-lhe o desenvolvimento, sobretudo agricola, de forma que, 14 annos depois, se esboçavam ao longo da costa numerosos focos de colonisação, rudimentos de cidades com physionomia puramente europeia (3).

Regulada a acção colonisadora pelo poder central, os progressos augmentão e apesar de interrompidos pela febre subita das pesquisas dos jazigos auriferos, e contrariados pelo zelo jesuitico, que monopolisava, sob uma mal intendida philantropia, o braço do indio, nos fins do seculo dezasseis, com o auxilio dos escravos negros de Angola e Guiné, as plantações augmentavam, considcravelmentc.

Santos recebia fôros de cidade, assim como Pernambuco e a Bahia. Fundava-se a cidade do Rio de Janeiro em 1567.

---

(1) Oliv. Martins. Brazil e Colonias.
(2) Oliv. Martins. Idem.
(3) Oliv. Martins. Idem.

Os rendimentos em 1607 eram importantes. As receitas para o estado subiam n'esse anno a 42 contos. O consumo annual em generos do reino avaliava-se em 160 contos; eram 120 os engenhos de assucar, que produziam ao todo setenta mil caixas ou quarenta mil toneladas; isto um seculo depois da descoberta ou 70 annos depois que se iniciara a colonisação.

A lucta com os hollandezes não afrouxou este progresso, e, repellidos os invasores em 1654, os novos colonos conseguiram manter intacta essa America do Sul, que hoje é uma das mais florescentes republicas.

Em Angola a colonisação não progredira tão rapidamente, nem fôra tão intensa, devido ao clima, á necessidade de escravos para os trabalhos da America, e á falta de gente do reino, cuja população era diminuta (2 milhões), não podendo assim concorrer com proporcional densidade a toda a parte.

O mercado do negro, abundante, rendoso, imprescindivel, excitava a cubiça, e porisso mesmo sobrelevava ao trabalho rural ou agricola, lento e menos remunerador. Todavia não foi desprezado completamente o continente africano; Angola, Benguella e Congo, são testemunhas da nossa acção colonisadora. O systema adoptado foi o mesmo que o da America; a lucta com o aborigene, e imposição do trabalho por meio da servidão.

Que mais o melhor fizeram os outros paizes?

A Hollanda, começando por expedições de piratas, roubava e queimava as nossas embarcações no mar, e surprehendia as fortalezas em terra; não colonisava. Colhendo lucros n'estas primeiras correrias, tornou official o corso exercido pelos commerciantes de Amsterdam, constituindo as companhias das Indias Orientaes e Occidentaes, com poderes semelhantes ao das nossas capitanias. Mais tarde repellidos pelos inglezes para o extremo oriente, fundaram os seus estabelecimentos sob os principios empregados por nós: a feitoria militar destinada ao commercio e apoiada na marinha de guerra. Estas feitorias desenvolvendo-se com o tempo, tornaram-se cidades do litoral, com o cunho europeu, mas sem de forma alguma representarem o centro de uma colonia vasta, em condições de vida homogenea e moldada pela da metropole.

A acção da Inglaterra foi em tudo semelhante á nossa. Principiando como a Hollanda por exercer o corso, apoderou-se com o auxilio dos indigenas de alguns dos nossos estabelecimentos do norte, e em occasião opportuna, das praças que os hollandezes nos haviam tomado. A instituição da companhia das Indias, idêntica á das companhias hollandezas e todas congeneres dos nossos primitivos syndicatos de Lagos, eram capitaes armados, que, sem envolverem responsabilidade para o estado, iam todavia tentar fortuna. Felizes nos seus emprehendimentos, o estado interveio mais tarde, tal e qual como nós nas capitanias do Brazil e ilhas, surgindo as actuaes Indias Britanicas, modelo do imperialismo puro, isto é do systema adoptado por Albuquerque, com exclusão porém do seu lado sympatico ás populações: — a fusão lenta, insensivel e duradoura que produz nacionalidades.

Nas colonias da America e da Oceania, a Inglaterra tambem não fez mais nem melhor do que Portugal.

Regiões, como a do Brazil, povoadas de tribus selvagens, fôra implantado n'ellas o systema mixto: a posse das terras e a expulsão violenta do indigena.

Porém os nossos alliados executaram este plano com todo o rigor e sem considerações, o que aliás está conforme ao caracter das raças do Norte.

Descendentes das tribus dos antigos Northmans, habitando as suas ilhas cobertas quasi todo anno de nevoeiro e gelo, sem o sol vivificante que faz brotar a poesia na alma e na natureza, desceram como as primitivas hordas, ás regiões temperadas que lhes offerecia o Novo Mundo. Duros no seu caracter ainda não suavisado pelo clima e pelo contacto das raças meridionaes; muitos em população, a quem o solo natal offerecia apenas um ceu brumoso, extensos lameiros e os futuros antros dos jazigos carboniferos, desabavam avidos de luz, e com a ideia antecipada de se fixarem, sobre essas regiões amenas, cujos habitantes primitivos exterminaram, sem dar quartel.

Em 1783 reconheciam a maior edade dos Estados Unidos, como em 1825 reconheciamos nós a do Imperio do Brazil.

*

* *

Foram pois os portuguezes os iniciadores das descobertas e das conquistas ultramarinas, e a elles cabe a honra

de legarem os methodos racionaes, praticos e adequados de colonisar, methodos adoptados pelas nações que lhe succederam. E se hoje ainda possuimos regiões no continente negro, cujo desenvolvimento não attingiu o grau desejado, foi isso devido, não á carencia de *capacidade colonisadora*, mas ás rasões já expostas: fraca população no continente, insalubridade do clima, concentração dos maiores esforços nas possessões da Asia e da Ameria, e luctas pela independencia. É esta a verdade que devemos repetir a nossos filhos, ensinando-os a ler a historia da nossa epopeia, biblia sagrada da nacionalidade portugueza, onde só, elles poderão ir beber a fé da patria.

Nova Goa, 1 de janeiro de 1904.

José Augusto Alves Roçadas,
Capitão do serviço do Estado-Maior.

VERITAS SUPER OMNIA

Nas famosas Instrucções com que El-rei D. José, ou, antes, o Marquez de Pombal, mandou passar ao Estado da India o governador e capitão general, D. José Pedro da Camara, no anno de 1774, se determinou o seguinte:

«6.° Segundo remedio. — A sé e o palacio archiepiscopal, antes sitos na cidade, e na visinhança do dos vice-reis, tambem foi por effeito das mesmas malicias abandonado, e a residencia dos prelados transferida, primeiro para Panelim, e depois para Pangim, onde agora está; e fixando-se a residencia, e a sé d'estes metropolitanos na outra magnifica casa, e egreja jesuitica do Bom-Jesus de Goa, até se dar a providencia de ficar o corpo de S. Francisco Xavier, antes usurpado pelos jesuitas, restituido á ordem do clero secular em que aquelle grande santo vivêu, e morreu, como he bem sabido.

«Na mesma casa se devem tambem mandar estabelecer as do cabido, relação ecclesiastica, e tudo o mais a ella pertencente. Tambem se podem repartir habitações para as dignidades, e conegos, se couberem; não cabendo, porém, se lhes pode repartir em porções o velho palacio archiepiscopal para elles e seus successores; ordenando-se da mesma carta règia, que nenhum capitular possa vencer, ou ser contado sem ter o seu domicilio dentro dos muros da cidade» (1).

(1) *Instrucções* ... ed. de 1841, 1.ª Parte, pg. 2.

Estas ordens tinham sido comprehendidas no Alvará de 15 de janeiro do mesmo anno de 1774:

«2.ª Item: Ordeno que a sé metropolitana e o palacio da residencia do arcebispo primaz do Oriente, se transfiram semelhantemente para a decorosa egreja, e amplo edificio, que tem a denominação de Bom-Jesus de Goa, e que as partes que restarem daquelle vasto e fastoso collegio se dividam de sorte, que nellas se estabeleçam as casas do cabido, e a relação ecclesiastica, e as habitações das dignidades e conegos, que coubérem. Accommodando-se os mais, que ali não tiverem competente logar, no antigo palacio archiepiscopal, que antes fôra abandonando pelas machinações dos sobreditos chamados jesuitas» (1).

O governador Camara, que foi portador tanto das Instrucções, como do Alvará e de outras leis que as completavam, chegou a Goa em 21 de setembro de 1774, e tomou posse tres dias depois. No decurso das suas diligencias para o cumprimento das ordens régias, ponderando acerca do assumpto das disposições citadas, dirigiu, em 27 de janeiro de 1775, o seguinte officio ao secretario d'Estado, Martinho de Mello e Castro:

«Como o capitulo 6.º da Instrucção primeira com que Sua Magestade me enviou a este governo, dispõe que a sé e o palacio archiepiscopal se fixem na casa e egreja jesuitica do Bom-Jesus de Goa, estabelecendo-se naquelle mesmo edificio o cabido, relação ecclesiastica, e tudo o mais pertencente á mesma sé primacial, repartindo tambem habitações para as dignidades e conegos, que coubérem, só me offerece dizer a V. Ex.ª que, executando-se esta determinação, respectivamente á mudança da sé, é constante que não encontra melhor templo; porquanto o do Bom-Jesus é precisamente da ordinaria construcção, que são todas as casas jesuiticas que não têm altares no corpo da mesma egreja, tendo-os sómente no cruzeiro, aonde á parte da epistola está o tumulo que encerra o corpo de S. Francisco Xavier, cujo ornato é magnifico e respeitavel; e a capella-mór não tem fundo, nem commodo algum para o prelado fazer as suas funcções, nem as

(1) *Instrucções*, cit. ed., 3.ª Parte, pg. 8.

dignidades, conegos e mais ministros formar o seu côro, advertindo que, quando se quizessem remediar estas precisões, seria imtispensavel fazer-se uma obra muito dispendiosa e desde logo não será pouco importante a que se necessita para concerto da maior ruina, que presentemente tem aquelle grande edificio, e para se resolver a accommodação do prelado: emquanto no seu actual estado não ha outra forma, que a de duas ordens de varandas sobre um grande claustro, e na sua circumferencia bastantes cubiculos, mas assim mesmo pode accommodar-se o dito prelado sufficientemente, e tomar ao seu cuidado o culto do santo para a sua veneração e o decente tratamento daquella egreja, para assim fazer duravel a sua conservação. A sé primacial, quando tenha effeito a dita mudança, ficando por este motivo abandonada sem aquelle preciso destino, sem duvida viria em poucos annos á terra, como succedeu a todos os maiores edificios que teve esta cidade: este templo na mesma é dos maiores, e mais sumptuoso, e o mais respeitavel e tem as accommodações precisas e bem ordenadas para os ministerios da sua creação antiquissima; a sua frontaria é na parte principal da nova praça que agora se vae formar, cujos lados compõem d'uma parte o palacio do governo, nas casas que servirão até agora de tribunal do santo officio; e na outra as do Senado da Camara; todos estes motivos ponho na presença de V. Ex.ª para os representar a Sua Magestade; porque, podendo suspender-se o effeito da disposição para a mudança, até se edificar e reedificar a cidade, como está disposto, as determinações em resultado desta representação chegão no tempo proprio, de se executar logo o que Sua Magestade fôr servido determinar» (1).

Não consta que, em referencia a este officio, tivesse havido qualquer resolução da côrte, o que mostra que ella acquiescen ás ponderações do governador; como não consta que tivesse sido promulgada a providencia promettida no logar transcripto das Instrucções, para ser o corpo de S. Francisco Xavier «restituido a ordem do clero secular», — providencia, aliás, desnecessaria desde que, consummada a extincção da companhia de Jesus com o cumprimento das differentes disposições da lei de 1 de abril de 1760 e outras (2), a egreja

(1) L.º das *monções* do archivo da secretaria geral, n.º 152, fl. 234.
(2) *A Imprensa em Goa*, pgs. 80-87.

e casa professa do Bom Jesus passou a ser administrada por um clerigo secular, e o caixão, em que se conserva aquelle corpo, confiado á guarda do arcebispo primaz, com tres chaves, das quaes uma devia estar em poder d'elle arcebispo, a segunda com o governador ou vice-rei, e a terceira com o vêdor da fazenda (Officio do secretario d'Estado, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, de 15 de abril de 1765). (1)

Parecia-nos que só a tanto se tinha limitado o Marquez de Pombal, relativamente ao edificio do Bom Jesus e ao sanctuario de S. Francisco Xavier; mas, lê-se em varias obras historicas que, por ordem d'esse ministro, foi mandado para o reino o thesouro do mesmo sanctuario, thesouro que, tendo chegado a Lisboa já depois de D. Maria I ter subido ao throno, ella fez devolver immediatamente á India, sem mesmo o ter visto. Apezar dos pormenores com que está descripto este caso — alentado provará para os libellos pombaliphobos, que, certamente, passou despercebido, e ainda bem, ao insigne autor do *Perfil do Marquez de Pombal*, uma *charge* encantadora, de odio e de sagacidade no odio — não o julgamos ainda completamente provado, nem satisfactoriamente esclarecido, como se vae mostrar no presente escripto.

D'entre as obras que mencionam os factos, a que nos referimos, escolheremos apenas quatro importantes trabalhos, de laboriosa e profunda investigação, firmados por nomes autorisados.

Filippe Nery Xavier, na 2.ª edição (1861) do seu *Resumo historico da vida de S. Francisco Xavier*, desenvolvida com miuncias de satisfazer aos mais exigentes, e amplamente documentada, limita-se a dizer que o «Santo teve muitas oblatas de joias de ouro e prata, as quaes tendo sido levadas para Portugal, voltaram intactas (239), parte das quaes foi depois reduzida á moeda» (pg. 268). O algarismo (239) corresponde á seguinte nota ao pé: «Conta de 6 de maio de 1804, monções, livro 184, pg. 83 v.».

---

(1) Publicado no *Resumo historico da vida de S. Francisco Xavier*, adiante mencionado, pag 337.

Compulsando este livro do archivo da secretaria do governo geral, encontrámos a fl. 83 a 83 v. o seguinte officio, dirigido em 6 de maio de 1805 (e não 1804) pelo governador Francisco Antonio da Veiga Cabral ao ministro Visconde de Anadia:

«Mandei copiar as instrucções com que no anno de 1774 se encarregou o governo da India a D. José Pedro da Camara, disfarçando-se com o fastoso titulo de — Restauração do Estado da India — a ruina de todo o esplendor e autoridade daquelle decano dos governos.

«Eu conheço que, em toda parte, impõe muito a representação publica, e os titulos de quem governa, mas nada é comparavel a esto respeito, com os costumes asiaticos, aonde são immensas as distincções e pomposos os titulos, muitas vezes a mais preciosa herança dos maiores potentados, visto que a riqueza adquirida não augmenta entre elles a qualidade respectiva do nascimento.

«O plano que o primeiro ministro formava naquelle tempo, não chegou a verificar-se, nem mesmo a ser conhecido. Quem se aproveitou da mindeza com que se queria detalhar com vastos conhecimentos, forão aquelles chamados por necessidade, e despachados por consequencia a si e aos seus; muito praticos da India, mas nella muito mal acreditados os seus nomes. Henrique Carlos Henriques, que por tantas vezes tinha sabido illudir os governadores, para não ser remettido preso a Lisboa conforme as repetidas ordens da côrte, veio feito brigadeiro-general. Fr. Antonio da Purificação, religioso da observancia de S. Francisco e apostata, que pelos serviços aos francezes com Aidar-Aly foi nomeado bispo de Halicarnasso em Paris, e nunca approvado em Roma, veio egualmente brigadeiro com o governo da provincia de Pondá, e da legião que se mandava formar de sypaes. Ambos gosarão por pouco tempo essa fortuna temporal, fallecendo primeiro o Halicarnasso no seu carrinho a cordões, que por ter partido o cavallo, não havendo quem o governasse, e se demorar em sitio improprio, é que veio a conhecer-se o seu fallecimento e a restituir-se morto ao convento, donde havia desertado. Henrique Carlos poucos annos depois falleceu tambem de repente, mas na propria cama em que procurava descançar.

«A mesma execução das sobreditas instrucções não se tinha cabalmente verificado, quando as reaes ordens de Sua Magestade Fidelissima expedidas na monção de 1778, derogarão

as ditas instrucções, restituindo ao governo da India a maior parte do que se lhe havia tirado, e fazendo regressar para Goa os caixões com o espolio do grande S. Francisco Xavier que se tinha mandado recolher a Lisboa, aonde não forão abertos, restituindo-se por este modo as joias, ouro, prata e differentes ornatos de que se tinha privado o sanctuario em que se conserva para nossa felicidade o santissimo corpo do glorioso S. Francisco Xavier, protector e defensor de Goa, cujos sublimes attributos nunca forão verificados com tanta efficacia como na presente conjunctura». (1)

Este officio serve de resposta ao do ministro Visconde de Anadia, datado de 11 de abril de 1804, que é o seguinte:

«O Principe Regente N. Sr. é servido que V. Ex.ª remetta a esta secretaria d'Estado pela primeira nau de viagem que dahi sahir para este reino, uma copia authentica e exacta das Instrucções que se dorão a D. José Pedro da Camara, no anno de 1774, quando foi nomeado para governar esse Estado da India, as quaes Instrucções hão de existir na secretaria d'esse governo». (2)

Não ha no livro das monções n.º 184 outro officio, nem *conta* que trate do assumpto em discussão.

Francisco Luis Gomes, no seu livro *Le Marquis de Pombal*, publicado em Lisboa no anno de 1869, escreve a pag. 346–347:

«Nous avons lu dans divers ouvrages que le marquis de Pombal avait ordonné au gouverneur de Goa d'envoyer à Lisbonne toute l'argenterie e toutes les pierres précieuses qui avaient appartenu à saint François Xavier, apôtre des Indes, et qu'à la suite de cet ordre, dix-neuf caisses pleines de ces objects précieux avaient été mises à l'adresse du marquis de Pombal et embarquées sur un navire qui arriva

---

(1) L.º das *monções*, n.º 184, fl. 83 a 83 v. Uma parte d'este officio foi publicada a pg. 94 da memoria historica *O Bispo de Halicarnasso*.

(2) Cit. L.º das *monções*, fl. 81.

à Lisbonne sous le règne de D. Maria, laquelle les fit renvoyer sans avoir même voulu les voir.

«Nous avouons que cette spoliation faite à saint François nous avait toujours semblé une calomnie inventée par les ennemis du marquis de Pombal; malheureusement pour la mémoire de ce ministre, il existe à Goa des documents qui ne laissent aucun doute à l'égard de ce sacrilége. On eût dit que l'acharnement avec lequel le marquis de Pombal poursuivait les jésuites, n'épargnait même pas ceux que le tombeau et une vie glorieuse auraient dû mettre à l'abri de toute offense.»

Teixeira de Aragão, no tomo III da *Descripção das moedas*. Lisboa, 1880, fallando na capella de S. Francisco Xavier, da egreja do Bom Jesus, diz a pag. 60: «Parte das joias pertencentes ao santo chegaram a vir para Portugal no principio do presente seculo, mas voltaram todas para Goa», — e, em nota a este trecho, cita «Archivo do governo geral de Goa, conta de 6 de maio de 1804, Livro 184 das monções, fl. 83 v.» Visivelmente escreveu encostado á auloridade, que por vezes invoca, de Filippe Nery Xavier, pois até lhe perfilhou a nota com o erro do anno, acrescentando que as joias chegaram a Lisboa *no principio do presente seculo* (XIX), equivocando-se evidentemente com a data do documento que de certo não viu.

Temos por ultimo a 2.ª edição das *Mitras Lusitanas*, do senhor padre Casimiro Christovam da Nazareth, publicada em Lisboa no anno de 1894, na qual, em nota a pag. 293, se escreve, a par de varias citações:

«Lê-se nas «Anedoctas do ministerio do marquez do Pombal» que, quando os jesuitas de Goa foram presos, esta cidade viu com indignação entregar de alguma sorte ao saque o rico thesouro de S. Francisco Xavier. Venderam-se publicamente a maior parte dos effeitos preciosos, que adornavam o tumulo do santo: arrancaram de sua mão com grande escandalo de toda a gente honrada, um baculo enriquecido de diamantes, que lhe fôra dado pelo conde de Sandomil,

vice-rei da India: um official tirou uma grande lampada e vendeu-a sem escrupulo em praça publica.

«Em 1779 chegando a Lisboa um navio carregado com 19 caixões (consignados ao Marquez de Pombal), de prata e pedras preciosas que tinham sido roubados ao thesouro da egreja do S. Francisco Xavier, a rainha D. Maria I sentiu um vivo pezar, e sem consentir que se abrissem estes caixões, ordenou que voltassem a Goa, e se restituissem aquellas preciosidades ao tumulo do santo.

«O conde da Ega foi mandado regressar do vice-reinado da India, mal chegou a Lisboa foi encarcerado na torre do Outão: dizia-se que assim o castigavam, por elle ter dilapidado os bens dos jesuitas».

Depois d'isto, é natural que o leitor fique, como nós ficámos, perplexo á vista das variantes que se avolumam d'entre os diversos trechos reproduzidos; não se pode repetir aqui o *vires acquirit eundo* do mantuano? Filippe Nery refere-se a *muitas oblatas de joias de ouro e prata*; — Aragão á *parte das joias*; — Francisco Luis Gomes a *19 caixotes carregados de toda a prataria e todas as pedras preciosas*; — o a nota do senhor padre Nazareth, que é provavelmente o excerpto dos livros por elle citados, a *um navio carregado com 19 caixões de prata e pedras preciosas que tinham sido roubadas (sic) ao thesouro da egreja (sic) de S. Francisco Xavier*. Tambem o officio de Veiga Cabral dizia *caixões*, sem determinar o seu numero, com o espolio do santo, *joias, ouro, prata e differentes ornatos*. Crêmos que o thesouro da capella de S. Francisco Xavier no Bom Jesus, nunca possuiu objectos que dessem para 19 caixões com que se podesse carregar *um navio*. Por outro lado, Filippe Nery e Aragão baseiam-se em unico documento, o officio de 6 de maio de 1805, ao passo que Francisco Luis Gomes affirma a existencia, em Goa, de *documentos*, sem comtudo mencionar a respectiva data, ou procedencia.

Ora, pondo de parte o que incidental e vagamente disse, 26 annos depois do supposto sacrilegio, o governador Veiga Cabral, o qual, parece, não era affeiçoado á memoria do

primeiro ministro d'el-rei D. José; — e isto é bem evidente do seu officio em que, em vez de se limitar a satisfazer a requisição ministerial, se extendeu em divagações inopportunas e informações deslocadas; — pondo de parte egualmente tanto o que Filippe Nery Xavier e Teixeira de Aragão, este copiando aquelle, escreveram, invocando apenas o officio de 1805, como a nota do senhor padre Nazareth, que não cita documento algum, mas varias obras, occorre perguntar: quaes os *documentos irrefragaveis (qui ne laissent aucun doute) de Goa*, em que Francisco Luis Gomes se estribou? No archivo da secretaria do governo geral não encontramos nenhum outro, além do que foi atraz transcripto. Deviam de existir documentos especiaes, da epoca em que o facto se deu; quando menos, a ordem da côrte, a resposta do governador cumprindo-a, e a carta devolvendo os caixões ou caixotes. Na primeira, vêr-se-iam os motivos que a determinaram, porquanto todas as cartas e avisos, do tempo do Marquez de Pombal, têm a louvavel caracteristica de ser claros e explicitos a mais não; na segunda, teriamos a nota descriptiva dos objectos remettidos, a nau em que foram, e outros pormenores; e, pela terceira, conheceriamos tudo o mais que se seguiu. Nada d'isto se encontra. Se attribuirmos a inexistencia das primeiras duas a terem-se passado as cousas confidencialmente entre o ministro e o governador, o que, aliás, não é de presumir n'um negocio que tinha de correr por muitas mãos e olhos, não podia faltar a ultima, dada a forma demasiado ruidosa com que se destruiu tudo quanto Pombal fizéra. Quer-nos parecer, pois, que a affirmação de Francisco Luis Gomes por ventura leve origem só na reminiscencia do que ouvin em Goa, ou lêu em Filippe Nery, havendo, pela certa, um lapso de penna em pluralisar o documento singular de 1805.

Expostas assim as nossas duvidas, só resta esperar que algum estudioso investigue este ponto em Lisboa, onde no archivo do ministerio da marinha e ultramar será facil desfazel-o. Ha na historia um facto, muito conhecido, relativo a Galileu, que numerosos autores, nada menos de trinta e tres, narraram da mesma forma, e que, desde longa data, passou como verdade incontroversa; comtudo a critica, com o auxilio dos documentos que, ha poucos annos, se descobriram, apurou que esse facto fôra inventado por um inimigo da instituição que tinha condemnado o sábio astronomo. Quem sabe se o mesmo succederá com este que, por acaso, nos prendeu a attenção? Quem sabe?!

Admittido, porém, que o facto tenha sido verdadeiro, por nossa parte attribuiremos a requisição das preciosidades do sanctuario de S. Francisco Xavier, não ao odio do primeiro ministro á companhia de Jesus, como se afigurou ao eminente biographo do Marquez de Pombal, mas sim ás informações extra-officiaes, correctas ou exaggeradas, que de Goa tinham sido mandadas, sobre a maneira por que se havia procedido aqui na arrecadação dos bens e valores pertencentes aos jesuitas, quando se levou a effeito a exlincção da companhia,— informações com as quaes Pombal estava tão impressionado que, na occasião em que o conde da Ega, o principal accusado com ou sem razão, foi preso ao desembarcar em Lisboa, o trataram com affrontoso rigôr, a ponto de se lhe tirarem ainda o annel e as fivelas dos sapatos, por serem de ouro! Talvez se houvesse julgado que o illustre vice-rei os teria apanhado ao proprio corpo de S. Francisco Xavier! Não é mais racional, pois, suppôr que o Marquez entendesse dever salvar o que restava, levando-o para a metropole? Não é verdade que egual providencia tinha adoptado, com relação aos livros e papeis antigos da secretaria do governo e de outras repartições e cartorios, que não fossem precisos para os casos occorrentes? (1)

Mas — vamos — *quod non fecerunt barbari, fecerunt barberini.* O que não fez no seculo XVIII o Marquez de Pombal, fizeram-n'o em Goa minusculos Pombaes no seculo das luzes, — em Goa que justamente se orgulha de ser a terra de S. Francisco Xavier. Para acudir ás urgencias do Estado, a maior parte do thesouro das ordens religiosas exlinctas foi mandada, entre 4 de dezembro de 1838 a 6 de julho de 1841, para a casa da moeda e ahi lavrada em boa moeda sonante (2), incluindo-se em tal remessa 8 alampadas das 12 que

(1) Carta régia de 10 de fevereiro de 1774, publicada por Cunha Rivara no *Archivo Portuguez-Oriental*, fasc. 3.°, prologo.

(2) Lê-se a pg. 98-99 da *Descripção do coqueiro, arrequeira, arroz e moedas*, por F. N. Xavier:

«Metal em trastes de ouro, e prata dos exlinctos conventos de Goa e Damão, e da casa professa de Bom Jesus e do seminario de Chorão, mandado reduzir á moeda por ordem da Junta da Fazenda, desde 4 de dezembro de 1838 até 6 de julho de 1841, he como se segue:

Metaes	Mar.	onc.	ot.	gr.	xs	t.	r.
Ouro . .	45 —	4 —	3 —	21 —	23 815:	2:	35
Prata . .	4.270 —	3 —	5 —	54 —	145.547:	1:	19
Somma.....					169.367:	3:	52
Produzin com descontos varios					172.853:	0:	31»

pertenciam á capella do Apostolo! (1) «Tal ou qual rupia ou pardau, fracção que foi de castiçal ou de lampada, correu na vida circulante em plena liberdade, jamais colhida nas engrenagens de escru- pulos religiosos. O proprio monge expulso, por entre as lagrimas da sua forçada secularisação, não póde rejeital-a, profanada filha de metaes que tantas vezes passaram por suas venerandas mãos». (2)

Não concluiremos este escripto, que imperceptivelmente se foi alongando, sem a menção d'um facto recente, que vem a ponto registar. O thesouro da egreja do Bom Jesus e da capella de S. Francisco Xavier constitúe, com varios outros objectos de valor artistico e archeologico, o *Museu Sacro*, estabelecido em 1900 na casa professa, graças á benemerita iniciativa do senhor conselheiro José Navarro de Andrade, ao tempo inspector de fazenda provincial, secundada pelo senhor conselheiro Joaquim Machado, um dos melhores governadores que a India tem tido, o qual, em 3 de abril do mesmo anno, o inaugurou no meio d'uma luzida assembléa, abrindo o livro dos visitantes com estas palavras: «Não esperava tanto que admirar n'este grande monumento. Conservarei bem viva na memoria a recordação d'esta visita. Consola-me a alma o ter podido servir com a minha modesta cooperação para a conservação deste edificio e das riquezas que elle encerra». É conservador do Museu Sacro, o senhor conego de meia prebenda, JoãoVicente Lopes, administrador da egreja e casa professa do Bom Jesus.

J. A. Ismael Gracias.

---

(1) Facto pela primeira vez revelado a publico pelo *Jornal da Santa Igreja Lusitana*, n.º 6 de 1846, pg. 12.

(2) *Numismatica Indo-Portugueza* pelo senhor Manuel Joaquim de Campos. pg. 190.

GALERIA LAPIDAR NO MUSEU REAL DA INDIA PORTUGUEZA

O Museu Real da India Portugueza installado em alguns repartimentos do extincto convento de S. Caetano, na cidade velha de Goa, comprehende uma galeria lapidar composta de diversas campas sepulchraes e outras pedras, que contecm epitaphios e inscripções, relevos e symbolos, siglas e datas, e as quaes tendo pertencido aos antigos conventos, egrejas e mais edificios publicos, que povoavam a velha cidade e outros sitios nos seus arredores, jaziam nos escombros das ruinas d'aquelles monumentos hoje desmoronados e alguns desapparecidos.

O que modernamente e á custo se tem podido salvar das indicadas ruinas, foi arrecadado e está hoje recolhido e collocado no Museu, formando assim a sua galeria lapidar, que vamos aqui descrever.

N.º 1

Armas

S.ª de João de
Mello de Aza
Vedo Fidalgo
Da casa de Su
A Mge. fallece
O aos 13 de fe
Vereiro de 1666 anos
P. huma Ave Maria

Campa solta que esteve no pavimento da egreja de Daugim. Mede 1,80 de comprimento e 0,70 de largura.

N.º 2

Armas

Sepultura de Man
Oel de Freitas de
Macedo e de sua molh
Er Dona Mariana S
Oares e seus her
Deiros. Pede huma a
Ve Maria

Campa solta que esteve no pavimento da egreja de Daugim. Mede 1,83 de comp. e 0,85 de larg.

N.º 3

Armas

S.ª perpetua do Dr. Luis
Monteiro da Cosra
Do D. de ElRei N. S. e
Seu Desembargador
Da casa da Suplí
Cação foi ouvidor geral do
Civel e de sua mol
Her D. Joana Frei
Re e faleceo aos 21
De outubro de 1665 e para se
Us herdeiros e descen
Dentes

Campa solta que esteve no pavimento da mesma egreja. Mede 1,83 de comp. e 0,66 de larg.

N.º 4

Armas

Aquí jaz Dona Feli
Pa de Castro mo
Lher de Dom Br
As de Castro

Campa solta que esteve na parede do cruzeiro, lado da Epistola, da mesma egreja. Mede 1,70 de comp. e 0,89 de larg.

N.º 5

Armas

Sepultura de
Dom Felipe
De Souza e de s
Ua molher Do
Na Antonia d
E Magalhaes e
De seus herdei
Ros e descende
Ntes

Campa solta que esteve no pavimento da mesma egreja. Mede 2,03 de comp. e 0,95 de larg.

N.º 6

Armas

Sepultura de Fernao T. S.
De Tavora e de sua muler
D. Anna Ferreira
E seus herdei
Ros. Anno
1613

Campa solta medindo 2,04 de comp. e 0,92 de larg. Pertenceu á egreja de S. Domingos.

N.º 7

Armas

Sepultura de Violante
De Araujo de Pavia
Molher que foi
De João Simões de
Carvalho e do Dou
Tor Pero Damaral
Pimenta e pera se
Us herdeiros. Faleceo
A 6 de abril de 1634.
P. hua Ave M.ª

Campa solta que esteve no pavimento do transito para a sacristia da egreja de Daugim. Mede 1,95 de comp. e 0,85 de larg.

N.º 8

Armas

Sepultura de Do
Mingos Luis Seco e
De sua molher Ma
Ria Dias Damara
L e de seus herdeiros.
Pede um Pater No
Ster e hua Ave Ma
Ria pelo amor de Deus

Campa solta que esteve no corpo da egreja, lado do Evangelho, do collegio de S. Boa Ventura. Mede 1,80 de comp. e 0,93 de larg.

(*Continúa*)

J. M. do Carmo Nazareth.

AVISO

De todas as publicações litterarias e scientificas de que a commissão de redacção receber 2 exemplares, far-se-ha menção na Revista.

O ORIENTE PORTUGUEZ

REVISTA DE ARCHEOLOGIA

Fundada em 1904

Esta Revista é orgão da *Commissão permanente de archeologia da India Portugueza*. Publica-se em numeros de 24 paginas ou mais. Doze numeros formarão um volume, com o seu frontispicio, indices e capa especial.

Preço de cada numero avulso.....	0:05:06
Preco de cada numero por assignatura.	0:04:06

ASSIGNATURAS

Envia-se cada numero pelo correio aos assignantes acrescendo a importancia dos sêllos.

AVISO

Solicita-se de todos os nossos assignantes e leitores d'esta revista, a fineza de nos proporcionarem a leitura, analyse, e reproducção de quaesquer obras litterarias, manuscriptos, etc., plantas, quadros, aguarellas, photographias, desenhos, etc., de valor archeologico, sua propriedade ou que possam obter por emprestimo, os quaes serão cuidadosamente respeitados e restituidos. Aos referidos assignantes e leitores, que se dignarem satisfazer a este appello, serão manifestados os merecidos agradecimentos nos numeros d'esta revista.

De todas as publicações litterarias e scientificas, de que a commissão de redacção receber um exemplar, far-se-ha menção na Revista.

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondencia litteraria, bem como os originaes destinados á publicação n'esta Revista, serão dirigidos a qualquer vogal da commissão de redacção, ou ao secretario da commissão permanente de archeologia, José Maria do Carmo Nazareth — Nova Goa; — sobre assumptos de administração, dirigir-se-ha a correspondencia á *Imprensa Nacional*.